

Defender a vida sempre: CNBB manifesta preocupação com decisões judiciais sobre o aborto



A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) divulgou uma nota nesta terça-feira, 21 de outubro, reafirmando sua posição inabalável em defesa da vida humana “em todas as suas etapas – desde a concepção até o seu fim natural”. Para a entidade, “a vida é dom sagrado de Deus e fundamento de todos os demais direitos”.

A nota foi publicada após duas decisões judiciais que, segundo a Presidência da CNBB, suscitaram “legítima preocupação e reflexão ética em todo o país”. A primeira diz respeito às ADPFs 989 e 1207, que tratam da possibilidade de enfermeiros e técnicos de enfermagem realizarem procedimentos de abortamento, nas hipóteses já previstas em lei, mediante a administração de fármacos abortivos.

A CNBB expressou apreço pela “sensibilidade e compromisso com a vida” dos profissionais da enfermagem, destacando que “cuidar é a essência dessa nobre profissão” e que “transformar o cuidado em instrumento de eliminação da vida inocente contraria o sentido profundo da missão de quem promove saúde”.

Na nota, a Presidência da Conferência também reconhece como “um passo importante em defesa da ética profissional, da segurança jurídica e do respeito à vida humana” a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que ao longo do fim de semana formou maioria para derrubar a liminar que permitia a prática por esses profissionais.

Por outro lado, a CNBB manifestou atenção ao andamento da ADPF 442, que propõe a descriminalização do aborto até a 12ª semana de gestação. A Conferência considerou “inexplicável e inédita” a rotina regimental adotada no julgamento e afirmou que a suspensão do processo – após pedido de retirada de pauta – deve ser vista como “uma oportunidade para o país refletir com serenidade e profundidade sobre o valor inalienável da vida humana”.

O texto enfatiza que o tema do aborto “não pode ser reduzido a um problema de saúde pública ou de política criminal”, por envolver o princípio maior da dignidade humana. “A verdadeira saúde pública é aquela que salvaguarda todas as vidas e não opta pela morte dos mais inocentes”, diz a nota.

Inspirada na Doutrina Social da Igreja, a CNBB defende que mulheres e crianças devem receber igual amparo e proteção, com políticas públicas eficazes de prevenção, acolhimento e cuidado integral. “A defesa da vida exige políticas públicas eficazes de prevenção, acolhimento e cuidado integral, e não a ampliação de práticas que eliminem a vida antes mesmo de nascer”, reforça o texto.

Ao final, a Conferência conclama os fiéis e pessoas de boa vontade a permanecerem “vigilantes e em oração”, pedindo a Deus que ilumine as consciências e inspire as instituições do país “a tomarem sempre decisões em favor da vida, da justiça e da dignidade humana”.

Fonte: CNBB

31ª Romaria Diocesana reúne 65 mil fiéis no Santuário Parque da Romaria em Cachoeira do Sul
Sob o tema “Maria, Peregrina de Esperança” e o lema “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38), milhares de romeiros caminharam desde a Catedral até o Parque da Romaria em um ato de fé que marcou a bênção da pedra fundamental do novo Seminário Menor São Vigílio.

“Todo ano é um compromisso de fé.” A afirmação do pároco Pe. Rudinei Lasch resume o sentimento coletivo que tomou conta do Santuário Parque da Romaria neste domingo (19), durante a 31ª Romaria Diocesana de Cachoeira do Sul. Sob o tema “Maria, Peregrina de Esperança” e o lema “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38), o encontro reuniu cerca de 65 mil romeiros, consolidando-se como uma das maiores Romarias da Diocese.

A manhã iniciou com temperatura amena de 17°C às 10h38, e a fé do povo acompanhou o calor que se elevou ao longo do dia, chegando a 21°C às 13h19. O sol iluminou as multidões que chegaram em procissão a pé desde a Catedral Nossa Senhora da Conceição, no centro da cidade, e também em caravanas vindas das demais paróquias da Diocese, situadas fora do município de Cachoeira do Sul.

Rosários nas mãos, faixas nas ruas, promessas cumpridas e olhares marejados deram o tom da caminhada, que há mais de três décadas representa um marco da religiosidade e da identidade diocesana.



Uma coroação antecipada do Ano Jubilar

Durante as celebrações, o bispo diocesano Dom Edson Batista de Mello definiu o encontro como uma verdadeira coroação antecipada do Ano Jubilar da Esperança, vivido intensamente ao longo de 2025.

“Eu diria que Maria conduziu todas as coisas. É uma coroação antecipada do Ano Jubilar. Tudo correspondeu ao que planejamos, e isso só foi possível graças ao empenho da comissão organizadora e, de modo especial, do padre Nildo Rech, reitor do seminário e do santuário”, destacou Dom Edson.

O bispo manifestou gratidão pela expressiva participação do povo de Deus.

“As manifestações de fé emocionam a todos nós. Os testemunhos de quem viveu milagres pela intercessão de Maria nos lembram que a Romaria é mais que tradição: é missão e comunhão”, afirmou.

Testemunhos de fé e emoção

Os relatos de milagres e promessas atendidas emocionaram fiéis e autoridades religiosas. Conforme o relato de uma mãe ao bispo diocesano Dom Edson Batista de Mello, a força da intercessão mariana se manifesta em testemunhos comoventes:

“Uma mãe contou que não podia ter filhos e recorreu à Mãe do Redentor. Hoje, o filho dela está aqui. É fruto da intercessão de Maria, um dos milagres de Deus”, compartilhou Dom Edson.

Ao longo do dia, centenas de fiéis participaram do rito da confissão e atravessaram a Porta Santa do Santuário Parque da Romaria, um gesto de fé que simboliza o perdão e a reconciliação. Para muitos, o ato teve um significado especial neste Ano Jubilar da Esperança, convidando à conversão pessoal e à renovação interior.

Pedra fundamental marca novo tempo para as vocações

Um dos momentos mais solenes da programação foi a bênção da pedra fundamental do novo Seminário Menor Diocesano São Vigílio, que será construído ao lado do Parque da Romaria. O projeto nasce de uma parceria entre a Diocese de Cachoeira do Sul, o Padre Girolomo Job e a Arquidiocese de Trento, na Itália.

A inscrição gravada na pedra expressa o espírito de fé e gratidão que marcou o ato:

“Na 31ª Romaria Diocesana, sob a proteção de Maria, Mãe do Redentor, com o coração repleto de esperança, ocorreu a bênção da pedra fundamental da construção do novo Seminário Menor

Diocesano dedicado a São Vigilio. Eterna gratidão ao Padre Girolomo Job e à Arquidiocese de Trento.”

O novo espaço será dedicado à formação de futuras vocações sacerdotais, reafirmando o compromisso da Diocese com a evangelização e a continuidade da missão da Igreja.



Romaria: tradição, unidade e missão

Com o passar dos anos, a Romaria Diocesana consolidou-se como uma das maiores expressões de fé da cidade. Desde sua primeira edição, mantém viva a tradição de unir comunidades, paróquias e pastorais em torno da espiritualidade mariana e da devoção a Nossa Senhora Maria, Mãe do Redentor.

O Santuário Parque da Romaria, tomado por uma multidão orante, simbolizou neste domingo a união do povo diocesano sob o olhar materno de Maria. Cantos, orações e procissões compuseram um cenário de fé e esperança compartilhada.

“O que mais emociona é ver o povo de Deus caminhando junto, cada um com sua intenção, sua prece, seu sacrifício. A fé é o elo que nos une e renova a esperança”, destacou um romeiro.



Gratidão e compromisso

Ao encerrar as celebrações, Dom Edson expressou sua emoção diante da grandiosidade do encontro e reforçou o chamado à continuidade da missão.

“A Romaria termina, mas a missão continua. O verdadeiro sentido do Ano Jubilar é renovar em nós o compromisso com o Evangelho e com a vida comunitária. Agradeço a todos os padres, agentes pastorais e a cada romeiro que, com fé e esperança, tornou este dia inesquecível”, afirmou o bispo diocesano.

A 31ª Romaria Diocesana de Cachoeira do Sul entra para a história como uma das maiores demonstrações públicas de fé da Diocese. E, como bem sintetizou Dom Edson Batista, “Maria conduziu todas as coisas” — conduzindo também o coração de cada romeiro que percorreu o caminho da Catedral até o Santuário, guiado pela luz da esperança.

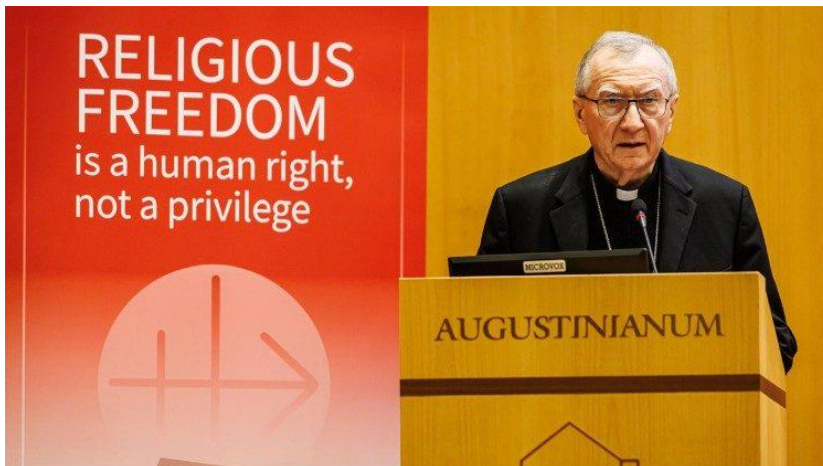
Por William Barreto – PASCUM da Diocese de Cachoeira do Sul

Fonte: Regional Sul 3 da CNBB

Parolin: direito à liberdade religiosa, baluarte essencial mas frágil

A intervenção do cardeal secretário de Estado no Pontifício Instituto Patrístico Augustinianum para a apresentação do Relatório 2025 sobre a liberdade religiosa no mundo publicado pela fundação Ajuda à Igreja que Sofre.

Giovanni Zavatta - Cidade do Vaticano



O direito à liberdade religiosa como “baluarte essencial” para permitir a cada pessoa “buscar a verdade e construir sociedades justas”. Um direito que “deve ser reconhecido na vida jurídica e institucional de cada nação” e cuja defesa deve ser vivida e promovida “na vida cotidiana dos indivíduos e das comunidades”. Sem essa liberdade, “o tecido ético da sociedade inevitavelmente se desfaz, levando a ciclos de submissão e conflito”. Assim, a proteção da liberdade religiosa, sua garantia, não diz respeito apenas aos que professam uma fé ou à Igreja, vai além, envolvendo toda a sociedade, as instituições públicas internacionais, é sinal de civilização, “pedra angular do edifício dos direitos humanos contemporâneos”. O cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin, repetiu várias vezes esses conceitos no discurso que nesta manhã abriu, no Pontifício Instituto Patrístico Augustinianum, a apresentação do Relatório 2025 sobre a liberdade religiosa no mundo publicado pela fundação de direito pontifício Ajuda à Igreja que Sofre. Um dossiê – disse o purpurado – que “fornece uma análise exaustiva das dinâmicas globais e revela um quadro preocupante: a liberdade religiosa é gravemente limitada em 62 países de 196, afetando cerca de cinco bilhões e quatrocentos milhões de pessoas. Em outras palavras, quase dois terços da população mundial vivem em países onde ocorrem graves violações da liberdade religiosa”, sublinhou, destacando que a edição do 25º aniversário deste relatório é a mais “robusta” desde sua criação, indicando, portanto, que as violações aumentam ano após ano.

A Dignitatis humanae

Em sua intervenção em inglês – intitulada “25 Years of ACN Religious Freedom Report: Why Religious Freedom Matters Globally” (25 anos do Relatório sobre Liberdade Religiosa da ACN: Por que a liberdade religiosa é importante em nível global) – Parolin utilizou-se de dois pilares para explicar por que a liberdade de religião é importante em nível global: a declaração conciliar *Dignitatis humanae*, sobre o direito da pessoa humana e das comunidades à liberdade social e civil em matéria de religião, e o artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo o qual “todo indivíduo tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião”, e tal direito “inclui a liberdade de mudar de religião ou de crença, e a liberdade de manifestar, isoladamente ou em conjunto, e tanto em público quanto em privado, a própria religião ou crença no ensino, nas práticas, no culto e na observância dos ritos”. O cardeal, recordando o 60º aniversário da *Dignitatis humanae* (no próximo 7 de dezembro), definiu-a como “um marco significativo na promoção da liberdade religiosa como aspecto fundamental da existência humana”.

Em seguida, ele se deteve sobre os vários aspectos abordados pelo documento, incluindo os limites da liberdade religiosa, a educação para o exercício da liberdade e a liberdade do ato de fé. E observou: “O Concílio estende um convite à Igreja para abraçar a liberdade religiosa sem jamais comprometer a verdade.” A esse respeito, Parolin citou integralmente um trecho do discurso pronunciado por Paulo VI em 28 de junho de 1965 a diversos grupos de peregrinos, antecipando os “preciosos ensinamentos” que viriam da sessão do Concílio Ecumênico então em curso: Cristo “chama a si; convida à fé; gera uma obrigação moral para aqueles a quem chega o convite, uma obrigação salvadora; mas não obriga, não retira a liberdade física do homem, que deve decidir por si mesmo,

conscientemente, sobre seu destino e sua relação diante de Deus. Assim ouvireis resumida grande parte desta doutrina capital em duas conhecidas proposições: em relação à fé, que ninguém seja impedido! Que ninguém seja forçado! Nemo impediatur! Nemo cogatur! Doutrina que se completa com o conhecimento da palavra de Cristo, sobre a qual estamos refletindo: existe um chamado divino, existe uma vocação universal à salvação trazida por Cristo; existe um dever de informar e de ser informado; existe uma ordem de instruir e de ser instruído; existe, diante do problema religioso, uma imensa responsabilidade, à qual, porém, de uma única maneira se deve e se pode corresponder: livremente, isto é, por amor, com amor; não pela força. O cristianismo é amor.”

Prudência política

A liberdade de religião, como qualquer liberdade, tem “limites práticos” que devem ser identificados por meio da “prudência política”. O secretário de Estado os indicou citando novamente a declaração conciliar: proteger os direitos dos cidadãos e, portanto, “garantir que o exercício da fé por parte de um grupo não viole as liberdades alheias”; cultivar a paz pública, pois “a verdadeira harmonia não surge da uniformidade, mas de uma liberdade ordenada, na qual as pessoas vivem juntas no respeito mútuo, na justiça e na boa vontade”; sustentar a moralidade pública, uma vez que “a sociedade exige uma diligente proteção contra práticas que possam corroer os fundamentos éticos, como a incitação à violência ou à exploração disfarçada de expressão religiosa”. Em essência, a *Dignitatis humanae* “tece uma tapeçaria de liberdade temperada pela responsabilidade, encorajando as sociedades a construir pontes em vez de erguer barreiras na busca da verdade”.

Mas a realização dessa liberdade concedida por Deus, profundamente enraizada no tecido da natureza humana, “não deve ser obstaculizada por barreiras de ordem pessoal, social ou governamental”, pois deve ser reconhecido e respeitado “o desejo humano inato de buscar o sentido último e a transcendência”. Consequentemente, “homens e mulheres, em toda parte, merecem a liberdade de qualquer forma de coerção em matéria de fé, seja de pressões sociais sutis ou de imposições estatais explícitas”, e “é dever dos governos e das comunidades abster-se de impor a alguém que viole suas convicções mais profundas ou de impedir sua prática autêntica”. Em nível coletivo, tal garantia permite que comunidades de pessoas de diferentes crenças “possam viver juntas, contribuir para a sociedade e engajar-se em um diálogo construtivo sem medo de perseguição”, observou Parolin, que em sua intervenção também retomou o discurso pronunciado em 10 de outubro passado pelo Papa Leão XIV ao receber em audiência uma delegação da fundação Ajuda à Igreja que Sofre.

O artigo 18 da Declaração dos Direitos Humanos

O artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (10 de dezembro de 1948) é a “contraparte laica da *Dignitatis humanae*”. Segundo o cardeal Parolin, ele “foi um princípio central do regime internacional dos direitos humanos, representando uma rejeição coletiva das ideologias totalitárias que levaram ao Holocausto e a muitas outras atrocidades, nas quais a sacralidade das convicções individuais foi sistematicamente apagada. É um pacto de indômita coragem que afirma que o reino da fé transcende os limites efêmeros da introspecção pessoal e constitui uma sinfonia ressonante de expressão comunitária, encarnada, difundida e transformada sem coerção nem temor”. Este artigo “sublinha a dignidade intrínseca e a autonomia do espírito humano: afirma que a liberdade religiosa não é um privilégio contingente, mas um direito inalienável, indispensável à plena realização do potencial humano”. Um direito que, concluiu com amargura o purpurado, hoje infelizmente é sistematicamente violado em muitas partes do mundo.

Fonte: Vatican News

Gaza, Parolin: a Santa Sé confiante de que o plano de paz funcione

O secretário de Estado responde às perguntas dos jornalistas à margem da apresentação do novo Relatório sobre a Liberdade Religiosa no Mundo, elaborado pela ACN. Parolin expressa “preocupação” com as recentes violências no Oriente Médio após a trégua e considera inaceitável a perseguição contra os cristãos na Cisjordânia. O cardeal também se mostra preocupado com os “atos de intimidação contra a imprensa livre” após o atentado ao jornalista Ranucci.

Vatican News



A Santa Sé “está preocupada” com a trégua em Gaza, que parece já ter “terminado” com as violências dos últimos dias, mas “está cheia de esperança de que o plano de paz possa funcionar”. Assim se expressou o cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado, sobre a situação na Terra Santa, à margem da apresentação oficial da mais recente edição do Relatório sobre a Liberdade Religiosa no Mundo (RFR), realizado pela Ajuda à Igreja que Sofre (ACN). O purpurado respondeu às perguntas dos repórteres do lado de fora do Pontifício Instituto Augustinianum; entre elas, um pedido de comentário sobre as hostilidades vividas pelos cristãos na Cisjordânia, em particular na aldeia de Taybeh, por parte de colonos israelenses. “Certamente, ali o problema é muito complexo, mas não conseguimos entender como é possível que esses cristãos, que vivem sua vida normalmente, possam ser alvo de tanta perseguição”, afirma Parolin. “Falar de perseguição é um pouco problemático, mas certamente são situações que não podemos aceitar”.

Violências contra os cristãos na Nigéria

Voltando o olhar para a África e para a forte onda de ódio e violência que atinge os cristãos em certas regiões da Nigéria, o cardeal — citando interlocutores locais — esclarece que o caso nigeriano “não é um conflito religioso, é mais um conflito de tipo social, por exemplo entre criadores de gado e agricultores”. “Devemos levar em conta que também na Nigéria há muitos muçulmanos que são vítimas dessa intolerância”, destaca Parolin. “São grupos extremistas que não fazem distinção para levar adiante seus propósitos, seus objetivos. Usam a violência contra todos aqueles que consideram opositores”.

Intimidações à imprensa livre

Refletindo, por fim, sobre o conceito de liberdade religiosa, mas também sobre o de liberdade em geral, Pietro Parolin afirma que “é motivo de grande preocupação que possam ocorrer esses atos de intimidação contra a imprensa livre”. A referência é ao atentado ocorrido na última quinta-feira contra o jornalista Sigfrido Ranucci, apresentador do programa italiano Report, com um artefato explosivo detonado em frente à sua residência. O secretário de Estado, expressando antes de tudo “solidariedade àquele que foi alvo dessa intimidação”, declara: “Corremos o risco de viver cada vez mais em um clima de intolerância, onde as expressões livres já não são aceitas. Nós — reitera — queremos que todos possam expressar seu ponto de vista com respeito e objetividade, mas que todos possam se manifestar sem serem alvo desse tipo de ameaça”.

Fonte: Vatican News

Prefácio inédito de Francisco no livro de Pe. Gutiérrez: Deus não esquece dos pequenos

O jornal vaticano "L'Osservatore Romano" publicou trechos do prefácio inédito do Papa Francisco ao livro “Vivir y pensar el Dios de los pobres”, a última obra do Pe. Gustavo Gutiérrez, publicada postumamente sob a curadoria de Leo Guardado. O peruano faleceu há quase um ano. O livro, traduzido do espanhol para o italiano por Marta Pescatori, foi publicado pela Editora Queriniana.

L'Osservatore Romano



Publicamos trechos do prefácio do Papa Francisco ao livro “Vivir y pensar el Dios de los pobres” (Viver e pensar o Deus dos pobres), a última obra de Gustavo Gutiérrez (1928-2024) publicada postumamente sob curadoria de Leo Guardado. O livro, traduzido do espanhol para o italiano por Marta Pescatori, foi publicado pela Editora Queriniana (Brescia, 2025, 368 páginas, 42 euros).



Em foto de arquivo, o cardeal Barreto com o Pe. Gustavo Gutiérrez

Gustavo Gutiérrez, durante a sua longa vida, foi um servo fiel de Deus e um amigo dos pobres. A sua teologia marcou a vida da Igreja e ainda é atual, com um frescor que abre caminhos ao seguimento de Jesus. Alegremo-nos com a publicação deste livro, Viver e pensar o Deus dos pobres. Com a sua morte, eu disse: “hoje penso em Gustavo, Gustavo Gutiérrez. Um grande, um homem de Igreja que soube calar quando devia calar, que soube sofrer quando devia sofrer e que soube dar tantos frutos apostólicos e uma teologia tão rica”. Neste último livro, Gustavo nos presenteia mais uma vez com o fruto do seu empenho, da sua oração e da sua reflexão. Quero destacar nessas páginas a profunda e permanente fidelidade à Igreja em seu caminho. Uma fidelidade vivida com humildade, às vezes com dor e, fundamentalmente, com liberdade. Já nos Anos 60, as inquietações teológicas de Gustavo estavam gradualmente emergindo através da sua história pessoal, dos seus estudos e do seu trabalho pastoral.

Uma nova era se iniciou com aquele imenso sopro do Espírito que foi o Concílio Vaticano II, em cuja quarta sessão acompanhou, como jovem teólogo, o cardeal Juan Landázuri Ricketts, arcebispo de Lima. O impulso conciliar e os textos que o expressavam ofereceram um terreno sólido sobre o qual

se basear e horizontes abertos para reorientar o trabalho pastoral a partir da realidade de um território como a América Latina. Muitos grupos cristãos estavam vivendo desafios, questionamentos e esperanças que derivavam do forte clamor dos pobres e do crescente compromisso com este mundo. “A irrupção dos pobres”, como Gustavo a chama, exigia justiça e uma outra maneira de viver a fé, de pensar a fé, de dizer a fé, em suma, de ser Igreja. Gustavo frequentemente lembrava, oralmente e por escrito, a frase de João XXIII de 11 de setembro de 1962, um mês antes da inauguração do concílio: “a Igreja se apresenta como é e quer ser, como a Igreja de todos e, particularmente, a Igreja dos pobres”; e também, já na sala conciliar, a insistência na mesma linha do cardeal Giacomo Lercaro. A evolução do concílio ofereceu modelos fundamentais nessa perspectiva, mas, no final, esse sonho de uma Igreja dos pobres permaneceu um horizonte a ser alcançado. O Pacto das Catacumbas, assinado por um grupo de padres conciliares, muitos dos quais latino-americanos, assumiu essa orientação espiritual, teológica e pastoral. A Igreja na América Latina abriu os braços ao concílio de maneiras diferentes, mas é muito claro que em todos os países e em todos os âmbitos eclesiais houve pessoas e grupos — de leigos, religiosos, presbíteros e bispos — que acolheram a letra e o espírito do Vaticano II com entusiasmo e dedicação. Uma prova válida disso é a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Medellín, 1968), com São Paulo VI que pisou nessas terras.

Entre aqueles que prepararam e acompanharam Medellín estava Gustavo, que trabalhava dia e noite. Gustavo, outros teólogos e pastores e muitos bispos, já em espírito sinodal, teceram em torno daquela experiência eclesial uma rede de confiança e amizade que favoreceu decisões pastorais, documentos e reflexões teológicas: eles marcaram, e continuam marcando, a identidade eclesial da América Latina e do Caribe. Na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em 1979, o nosso querido Gustavo esteve muito presente tanto nos debates anteriores quanto durante o desenrolar da conferência na cidade de Puebla, no México. Gustavo manteve uma clara linha de continuidade com Medellín, muito atento à realidade social e eclesial, lembrando sempre que a opção pelos pobres é evangelicamente central entre as antigas e novas pobreza. (...) Somente com os rostos dos pobres no centro encontraremos um terreno comum sobre o qual nos reconhecermos mutuamente na Igreja, no encontro com as culturas em que se desenvolve nossa vida de fé, no cuidado da criação e no diálogo ecumênico e interreligioso. Toda a reflexão de Gustavo nos chamou a estar atentos às inegáveis mudanças do nosso tempo, muitas das quais positivas para a humanidade, até mesmo fascinantes, mas que tantas vezes escondem ou mascaram o que há de mais cruel e desumano em nossa realidade universal.

A sua pergunta constante, “Como podemos falar de Deus a partir do sofrimento do inocente?”, continua sendo premente para os crentes diante do poder da injustiça e da mentira. Os pontos centrais da sua teologia querem estar presentes onde a marca de Deus parece ter sido apagada na atmosfera cultural. Enraizada na libertação que Cristo nos oferece, a sua teologia afirma a gratuidade do amor de Deus que nos envolve na história. A teologia de Gustavo permanece na Igreja não como um belo tesouro do passado, mas como aquele “segundo ato”, uma tarefa sempre aberta, para pensar a nossa experiência vivida de Deus; uma experiência já iniciada e experimentada justamente ali onde nos tornamos próximos dos feridos, abandonados à beira da estrada, e de onde tentamos dizer com humildade, com terna convicção, aos mais pobres e a todos: “Deus te ama”. Gustavo nos deu as ferramentas teológicas indispensáveis para que nunca nos esquecêssemos dos pobres. Neste último livro, ele deixa muito claro que lembrar-se dos pobres significa muito mais do que uma coleta; não é um acréscimo piedoso. Como ensina Paulo, é o coração da mensagem (2 Coríntios 8–9). Em consonância com este texto, convém evocar as palavras de uma pessoa muito querida a Gustavo, Bartolomé de Las Casas: «De cada um dos pequenos e mais esquecidos, Deus guarda uma recordação muito próxima e viva». A partir daqui, o Reino que Jesus anuncia abraça toda a criação, cada ser humano e realidade humana, em todos os tempos e lugares. Este é o Deus de Jesus.

Fonte: Vatican News

Na Basílica de São Pedro, a quarta edição da "Lectio Petri" sobre o Qohelet, livro da crise

A Basílica de São Pedro abre novamente suas portas ao público para a quarta edição da "Lectio Petri", um evento evocativo dedicado à espiritualidade e à atualidade, organizado pelas Fundações Pátio dos Gentios e Fratelli Tutti. Ao lado dos cardeais Ravasi e Gambetti, personalidades leigas do

mundo da cultura e da arte. Esta terça-feira, 21 de outubro, o jornalista Mentana, e no dia 18 de novembro, a cantora Noemi

Vatican News

Após o sucesso das três primeiras edições, dedicadas aos apóstolos Pedro e Paulo, a *Lectio Petri*, ciclo de encontros organizado pela Fundação Pátio dos Gentios e pela Fundação Fratelli Tutti, é retomado esta terça-feira, 21 de outubro, às 19h, na Basílica de São Pedro. O tema deste ano, escolhido pela primeira vez pelo público por meio de uma campanha de comunicação e uma pesquisa realizada nas redes sociais, será *Qoheleth* (ou *Eclesiastes*), um evocativo texto literário do Antigo Testamento dedicado ao tema da crise. O livro propõe, e força o leitor a se interpelar, questões radicais e intransigentes sobre o significado da vida e da morte, do amor e da dor, da riqueza e do prazer.

Reflexão de Gambetti e comentário de Ravasi

Após a reflexão espiritual do cardeal Mauro Gambetti, arcebispo da Basílica Papal de São Pedro no Vaticano, durante cada encontro, o cardeal Gianfranco Ravasi, presidente emérito do Pontifício Conselho para a Cultura, comentará trechos particularmente significativos do texto, selecionados por sua relevância. Ao lado dos dois purpurados, no Altar da Cátedra, sob a Glória do Bernini, ao final de cada *lectio*, uma figura de relevo do mundo da cultura e da arte proferirá um monólogo criativo sobre o tema que emerge das Escrituras.

Primeiros encontros com Mentana e Noemi

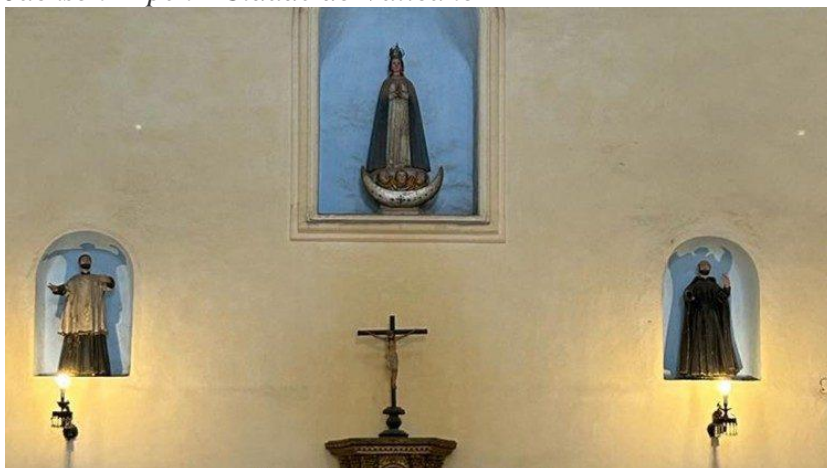
O primeiro encontro, esta terça-feira, 21 de outubro, intitulado "Não há nada de novo sob o sol", é dedicado ao tempo, tendo como convidado Enrico Mentana, jornalista e diretor do TGLa7 (telejornal do canal italiano La7). A segunda *lectio*, marcada para terça-feira, 18 de novembro, contará com a participação da cantora Noemi, que refletirá sobre a vaidade (o título do encontro, de fato, é "Vaidade das vaidades"). Após os encontros de outubro e novembro, as *Lectio* continuarão em 2026, com um encontro na terça-feira, 20 de janeiro, e na terça-feira, 17 de fevereiro. As inscrições para os encontros são gratuitas.

Fonte: Vatican News

Redescoberta e valorização da memória jesuítico-guarani: a contribuição do mundo acadêmico

Ao estudar a história dos saberes psicológicos na cultura brasileira, ocorreu a descoberta da contribuição da Companhia de Jesus, presente no Brasil desde 1549 a convite de Dom João III, e que desenvolveu uma rede de escolas para formação das crianças indígenas e um trabalho de transmissão de toda a tradição da cultura ocidental, em particular grega, latina, medieval, humanista, numa perspectiva cristã. Tudo isso ligado ao objetivo da evangelização e da formação, explica pesquisadora do IEA/USP.

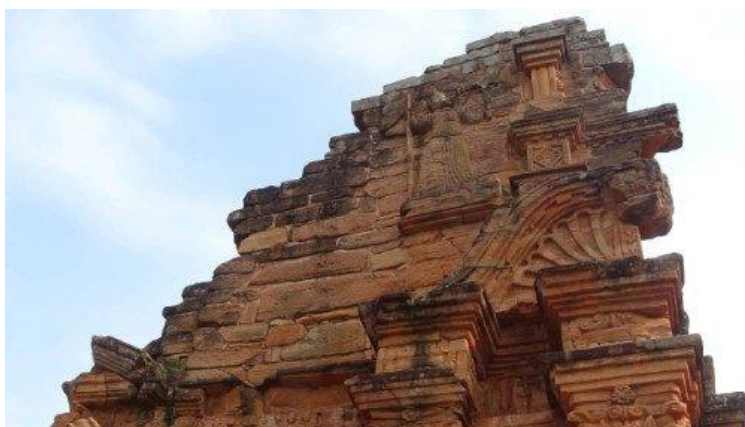
Jackson Erpen - Cidade do Vaticano



“A experiência das Reduções é muito significativa, porque assinala um outro modo de ser latino-americano, em que era valorizada a presença da etnia indígena. (Prof. Marina Massimi)”

Os territórios que hoje correspondem ao Paraguai, Argentina, Brasil e partes da Bolívia e Uruguai, testemunharam a partir do início do século XVII o florescer de comunidades criadas pela Companhia de Jesus. Estas Missões tinham como objetivo reunir populações indígenas guaranis em aldeamentos organizados, onde se combinavam atividades religiosas, produtivas e educativas. Eram espaços de catequese, mas também de reorganização social, afastando os indígenas da influência dos colonos europeus que buscavam escravizá-los.

Nessas Reduções, os jesuítas introduziram práticas agrícolas europeias, artesanato, música e escrita, ao mesmo tempo em que preservavam elementos da língua e da cultura guarani. O guarani, inclusive, era a língua de uso cotidiano nas Reduções, o que favorecia a comunicação e a aceitação do projeto missionário. A vida comunitária era organizada em torno da igreja e da produção coletiva, gerando uma sociedade relativamente autossuficiente e distinta tanto das populações indígenas originais quanto das colônias espanholas e portuguesas.



04/10/2025

Reduções Jesuítico-Guarani, alternativa ao sistema de dominação e colonização reinante

As Reduções buscaram ser alternativa ao sistema de dominação e colonização por parte das Coroas espanhola e portuguesa dos territórios latino-americanos, "buscando uma ...

Apesar de sua prosperidade e de certo nível de proteção oferecido aos indígenas, as Reduções entraram em conflito com os interesses coloniais. Guerras, disputas territoriais e a pressão das coroas ibéricas culminaram na expulsão dos jesuítas da América em 1767. Depois disso, muitos dos povos guaranis foram dispersos ou submetidos ao controle direto dos colonizadores. Assim, as Reduções Jesuítico-Guaranis ficaram marcadas como uma experiência única de convivência entre missionários europeus e indígenas, misturando evangelização, proteção e desenvolvimento econômico.

Especialmente no contexto das celebrações do 400 anos das Missões Jesuítico-Guaranis, torna-se ainda mais relevante o papel da pesquisa acadêmica, que tem sido fundamental para a redescoberta, valorização e preservação deste patrimônio que em 1983 foi inscrito na lista do Patrimônio Mundial pela UNESCO.

“É muito evidente a importância de uma rede de relações para o conhecimento e a compreensão correta desse patrimônio, que não pode ser entendido na sua dimensão, na sua peculiaridade, na sua riqueza, senão dentro de uma abordagem interdisciplinar.”

Para falar da importância da pesquisa no fortalecimento da memória histórica dos povos guaranis e da experiência missionária na América do Sul, a Rádio Vaticano conversou com a **Prof. Marina Massimi***, italiana que vive desde 1981 no Brasil, e que no âmbito do Instituto de Estudos Avançados da USP coordena o grupo de pesquisa “Tempo, Memória e Pertencimento”, que se ocupa da preservação do patrimônio histórico e documental e monumental do Brasil e da América Latina.

O Instituto é estruturado em diferentes grupos de pesquisa, nas diferentes áreas do conhecimento, e tem o objetivo de fazer a ponte entre a pesquisa universitária e as exigências da sociedade civil, das escolas, da população brasileira. Assim, se ocupa do patrimônio histórico e monumental e documental da cultura brasileira e também da cultura latino-americana. No âmbito desse patrimônio também existe o Patrimônio Monumental dos Trinta Povos e na parte brasileira é o Patrimônio dos Sete Povos, que é justamente aquilo que se refere à experiência das Missões jesuítico-guarani, ou chamadas também de Reduções.



Visita às Estâncias em Córdoba, Argentina

"Redução" - explica a Prof. Marina - vem de "uma expressão latina, a ideia de *Reductio ad unum*, reduzir um conjunto de populações que até então viviam separadas, grupos de nativos que viviam separados em grupos de três ou quatro famílias, no território, principalmente nas florestas, a uma vida comunitária, uma vida civil, em forma de cidades e, portanto, numa unidade, que fosse também digamos, realizada a partir da formação cristã, a partir do reconhecimento então de pertencer ao único povo que é o povo de Deus. Cada um dos moradores seria, nesse sentido, parte dessas comunidades".

Mas antes de entrar no tema da relação entre mundo acadêmico e a história desse rico patrimônio, a docente da USP começou explicando do que se tratou exatamente esta experiência que teve início no século XVII:

As Reduções ou Missões jesuítico-guaranis foram criadas no início do século XVII, por iniciativa de um grupo de jesuítas liderado por Diego de Torres Bollo, um jesuíta espanhol em missão no Peru, a partir de uma exigência que se fazia cada vez mais evidente no âmbito da presença missionária dentro dos domínios coloniais, domínios coloniais na América Latina que eram detidos por um lado pela Espanha, pelo Império espanhol e por outro pelo Reino português. O objetivo que moveu o jesuíta Diego de Torres Bollo, em particular, a formalizar junto com a colaboração de um jurista espanhol chamado Francisco de Alfaro, a proposta das Reduções, era o seguinte: em primeiro lugar, garantir a liberdade dos nativos e em particular a liberdade com relação também ao seu trabalho e ao fruto do próprio trabalho. Em segundo lugar, permitir a evangelização, a cristianização dessas populações. O que significava garantir a liberdade? Vigorava, de modo geral, nas colônias portuguesas e espanholas o regime de escravatura, ou seja, a população nativa era empregada em forma de trabalho escravo para a colonização do território. Na Espanha não havia uma escravatura propriamente dita, mas um sistema muito próximo que era o serviço da "encomienda". Ou seja, os colonos, chamados de encomenderos, recebiam por "encomienda" do Reino e a população desse território que era destinada ao serviço do encomendero. De alguma forma se tratava de um modo muito parecido ao trabalho escravo. E evidentemente as populações eram descontentes, e também os jesuítas quando chegaram nesses territórios perceberam a desumanidade do tratamento em que eram detidas essas populações. Daqui nasceu a proposta da assim chamada Redução.



Grupo de pesquisadores percorre a região dos 30 Povos

Como o Instituto de Estudos Avançados estrutura suas pesquisas sobre as Missões?

*O instituto é, como disse no começo, organizado por grupos de pesquisa voltados para as diferentes áreas do conhecimento e que buscam fazer uma interlocução, uma ponte entre os resultados das pesquisas acadêmicas e as demandas da sociedade brasileira. No nosso caso específico, o nosso grupo chama “Tempo, Memória e Pertencimento” e o objetivo é a valorização e a preservação do patrimônio histórico cultural brasileiro e monumental e documental e também imaterial, tendo em vista o fato da importância desse patrimônio para manter na consciência das pessoas e dos povos e das comunidades a memória da sua própria história e também a memória das comunidades de pertencimento que atuaram e atuam no território brasileiro. Nesse âmbito, se insere também o trabalho voltado para a história das Reduções ou, em outras palavras, a história das Missões jesuíticas nos territórios guaranícos. A esse tema temos dedicado desde 2018 várias ações. Organização de viagens de estudo na região - importantes para o conhecimento e do patrimônio monumental, mas também do contexto social em que ele se insere nesse momento - e depois também o contato com as populações atuais, então, em primeiro lugar, viagem de estudo, depois, organização de eventos, como, por exemplo, lives, que foram muito importantes nesse sentido, as lives realizadas na época da pandemia, porque pudemos aproveitar da contribuição de pesquisadores espalhados, não apenas no território brasileiro, mas também na América Latina e no exterior, que se disponibilizaram a contar e discutir aspectos dessa história. Essas lives podem se encontrar no canal YouTube do Instituto de Estudos Avançados, numa [playlist](#) que abrimos, que chama justamente **História das Missões Jesuíticas nos territórios guaranícos**. Uma outra ação importante, uma terceira, foi a organização de cursos disponibilizados na plataforma Coursera, que é uma plataforma internacional de acesso gratuito, então realizamos dois cursos sobre a história das missões jesuíticas nos territórios guaranícos, tem esse nome, e esses cursos estão ativos até agora, estão sendo sempre frequentados, continua a frequência ao longo do tempo e nesse momento estamos também providenciando uma versão inglesa dos mesmos. Para o 2026, tendo em vista o aniversário de 400 anos da fundação da missão de São Nicolau, estamos também planejando a realização de um simpósio importante na própria USP sobre a temática. Então, o nosso objetivo é justamente, dessa forma, levar ao conhecimento do público brasileiro, e especial também dos professores das escolas, dos alunos, das escolas e de modo geral do mais amplo âmbito da população como um todo, o conhecimento dessa parte da história que vimos ser bastante desconhecida. E nesse sentido, o nosso objetivo é justamente disponibilizar instrumentos para esse conhecimento. Realizamos também um livro que foi encaminhado para avaliação de editor e também publicamos alguns documentos que estão, por exemplo, um relatório que foi publicado recentemente no portal de livros abertos da USP. Esse portal é gerenciado justamente pelo Instituto de Estudos Brasileiros e o livro é destinado à descrição do patrimônio, em particular, dos Sete Povos e das necessidades desse patrimônio. Nesse sentido, sem dúvida, um dos nossos objetivos é desenvolver, ajudar a estimular o desenvolvimento de políticas*

públicas com relação ao patrimônio histórico, material e imaterial brasileiro e especialmente também com relação ao patrimônio das Missões jesuíticas. Realizamos diferentes eventos sobre a temática, mas queremos continuar fazendo isso, porque as políticas públicas são muito significativas e importantes para poder justamente garantir a preservação do patrimônio de modo geral. Publicamos um pequeno livrinho que se encontra no [site dos livros abertos da USP](#), um site que é mantido pelo Instituto de Estudos Avançados Avançado, justamente sobre essa temática do patrimônio das Missões e incluindo também informações sobre a história das políticas públicas a respeito. Esse livro foi lançado por ocasião de uma Live que realizamos no dia 5 de maio desse ano, em que enfrentamos a temática do fechamento do Museu das Missões em São Miguel das Missões no Rio Grande do Sul. Felizmente, reaberto esse museu no mês de agosto desse ano, em que convidamos representantes do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) e do IPHAN, inclusive da região, e a professora Claudete Boff, que é uma especialista, dedicou a sua vida aos estudos e à pesquisa acadêmica e ao ensino sobre o tema das Missões jesuíticas, e nessa ocasião se debateu justamente o problema e as dificuldades, os empecilhos referentes à questão da gestão do patrimônio, também do ponto de vista político-administrativo e esse evento também está gravado e presente no YouTube, no canal YouTube do Instituto de Estudos Avançados, na playlist chamada História das Missões Jesuíticas no território guaraní e aí se encontra também esse evento realizado no dia 5 de maio.



Visita do grupo acadêmico a um dos 30 Povos

Quais os principais desafios existentes para a preservação desse patrimônio?

Eu diria que para além dos desafios climáticos, devido à situação climática da região, há também o desafio do pouco cuidado com relação à preservação do patrimônio histórico de modo geral, presente na nossa cultura hoje, uma cultura marcada pelo “presentismo”, ou seja, pela atenção ao presente e pelo descuido do passado. Então isso tem um impacto muito grande também do ponto de vista das ações voltadas para a preservação e dos recursos destinados para isso. Mas eu diria que, no que diz a respeito ao patrimônio monumental das Missões jesuíticas nos territórios guaraníes, eu diria que um dos desafios mais sérios é o fato que é a história ligada a esse patrimônio, ou melhor, a história de que esse patrimônio é vestígio, é ainda pouco conhecida e apropriada pela população brasileira de modo geral. Se o conhecimento dos fatos históricos ligados a esse patrimônio, está difundido no contexto local, do Rio Grande do Sul, sobretudo da região interessada ao patrimônio, em que o patrimônio se encontra, no resto do país, em muitos casos, é desconhecida a existência do patrimônio e desconhecida também a história, são desconhecidos os fatos históricos ligados a ele. Então, esse é um desafio muito sério, porque sem conhecimento, sem consciência de um pertencimento de alguma forma existente, o fato que o patrimônio sinaliza fatos históricos importantes para a constituição da sociedade brasileira também, das comunidades presentes na sociedade brasileira, sem essa consciência também as ações quanto à preservação são muito frágeis, e sobretudo são superficiais. Então, eu diria que um dos desafios que o nosso grupo de pesquisa “Tempo, Memória e Pertencimento” do IEA busca inicialmente responder é justamente realizar ações que tornem mais conhecido esse patrimônio. Ações como cursos - temos dois cursos atualmente na plataforma Coursera gratuitos, dedicados à história das Missões jesuíticas nos territórios guaraníes e temos também várias lives, vários eventos que estão presentes no YouTube sobre esse tema e que podem ser encontrados nas playlists presentes no canal YouTube do Instituto de Estudos Avançados. Essas lives foram protagonizadas por especialistas e pesquisadores desse patrimônio. Então, dessa forma, a gente

buscou constituir um banco de dados importantes para poder difundir esse conhecimento de uma forma gratuita, junto à população brasileira, mas de modo especial junto às escolas, aos docentes das escolas brasileiras de segundo, terceiro, mas também de primeiro grau.



30/06/2025

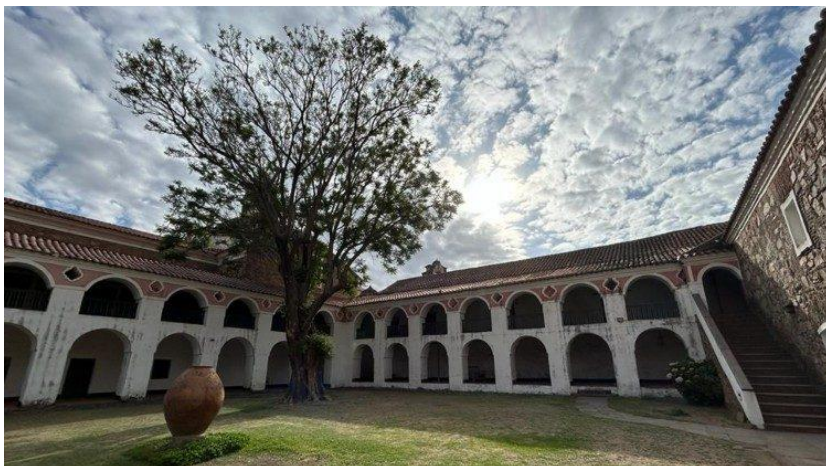
O olhar de pesquisador italiano sobre a Arte Sacra nas Missões Jesuíticas

O pesquisador Luca Ruggieri recorda que a arte é um instrumento necessário para a evangelização, algo que foi desafiador para os jesuítas no contexto dos índios guaranis, onde não ...

As Missões incluíam territórios onde hoje temos Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia e Brasil. No mundo da pesquisa, como é a interação com instituições e pesquisadores de outros países envolvidos na preservação do patrimônio dos 30 povos.

*Sim, sem dúvida, inclusive, essas relações foram e são muito importantes, porque elas nos ajudaram muito em aprofundar o conhecimento da temática ligado ao patrimônio monumental dos 30 povos e ao longo desses anos de atuação do nosso grupo de pesquisa do Instituto de Estudos Avançados “Tempo, Memória e Pertencimento”, pudemos trabalhar com esses pesquisadores da Argentina, do Paraguai, mas também dos Estados Unidos, da Itália, de outras regiões, que se interessam no estudo desse patrimônio um diálogo muito rico, muito importante. E não foi apenas um diálogo a distância, mas também aconteceram encontros, como, por exemplo, quando um grupo de nossos pesquisadores, mas também de colegas, amigos, **visitamos as estâncias de Córdoba, na Argentina**, e fomos recebidos pelo professor Carlos Page, da Universidade de Córdoba e do CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas), que é um grande especialista do estudo e das estâncias e das reduções, sobretudo na parte do patrimônio arquitetônico, mas também das biografias dos missionários jesuítas, atores da experiência dos Trinta Povos e que nos introduziu o conhecimento das estâncias. Então, nesse sentido também existem relações de colaboração. Essas relações também deram vida, como já foi mencionado, às Lives que estão presentes na playlist do canal YouTube do Instituto de Estudos Avançados, playlist que chama História das Missões Jesuíticas nos territórios guaranícos. Essas playlist foram protagonizadas por vários desses pesquisadores. É muito evidente a importância de uma rede de relações para o conhecimento e a compreensão correta desse patrimônio, que não pode ser entendido na sua dimensão, na sua peculiaridade, na sua riqueza, senão dentro de uma abordagem interdisciplinar, como também foi mencionado pelo jovem pesquisador, o brilhante **Luca Ruggieri**, que já foi entrevistado pela vossa rádio. Então, nesse sentido, é muito importante essa relação. Como disse, inclusive, nesse sentido, é uma grande ajuda para o próprio Brasil, porque em comparação, podemos dizer que sejam essas ações de preservação do patrimônio documental e monumental desenvolvidas, por exemplo, pela Argentina e pelo Paraguai, podemos dizer que às vezes há uma riqueza maior do que aquilo que aconteceu no Brasil nas nossas universidades brasileiras, pelo menos não tanto nas universidades da região do Rio Grande do Sul, que de fato estão muito envolvidas nessa história, quanto por exemplo nas demais universidades. A nossa própria universidade é a USP, ainda precisa aprofundar mais, eu diria, a pesquisa e o*

conhecimento desse patrimônio. Então, nesse sentido, é uma grandíssima ajuda essa rede de pesquisadores.



Estâncias de Jesus Maria

*É importante que a memória histórica que é ligada, também a presença desses vestígios presentes no território, no território que faz parte agora também do Brasil, mas também de outras nações que são nações modernas - na verdade foram formados no início do século XIX - então é importante a presença dessa memória histórica de um passado anterior à constituição dessas nações modernas, que é ligado justamente à presença dos Trinta Povos, ou seja, ao experimento reducional dos jesuítas, seja apropriado também pelo Brasil para compor a memória da sua própria história, como ponto de referência e como sentido também de um pertencer anterior àquele das nações modernas que é um pertencimento podemos dizer latino-americano. Com efeito, o que acontece? Na memória histórica brasileira, digamos, do brasileiro médio, a presença de figuras e de acontecimentos marcantes, como as figuras dos bandeirantes, o fato muito marcante do regime de escravatura, etc, mas essa experiência é pouco reconhecida. No entanto, se trata de uma experiência muito significativa, porque num contexto marcado pela violência da colonização, que implicava também o recurso ao trabalho escravo, pela presença da Igreja se estabeleceu um outro tipo de socialidade, de sociedade, baseada na presença de uma etnia como a grande etnia do povo Guarani que marcava na maneira de ser latino-americano própria e ao mesmo tempo em interação com todo o contexto do ocidente europeu importado justamente pelo pela colonização e pelos próprios missionários jesuítas. Então, **a experiência das Reduções é muito significativa, porque assinala um outro modo de ser latino-americano, em que era valorizada a presença da etnia indígena.** Havia, evidentemente, de forma às vezes dramática, mas de modo geral, de forma positiva, criativa, construtiva, uma interação muito significativa entre a cultura indígena e a cultura ocidental, a cultura europeia. Na Argentina e no Paraguai, essa experiência é muito presente na memória histórica atual da população. No Brasil, não. De forma que o Brasil se concebe de alguma forma também meio que isolado do contexto latino-americano, até pelo próprio fator linguístico, mas na verdade, na sua origem, na história que nós contamos e que nós vemos sinalizada pelos monumentos das Reduções, não é assim. Então, resgatar esse pertencimento anterior é muito importante, eu acho, pela própria consciência atual, presente, do brasileiro, e também valorizações de interação como a do Mercosul, mas também de colaborações culturais, científicas, dentro das quais também a constituição de uma rede integrada de pesquisa sobre esse fato histórico. É isso que eu gostaria de ter assinalado um pouco mais e que aqui complementei.*



Sítio com a preservação da memória na Argentina

Como o Instituto de Estudos Avançados contribui para a formação de novos pesquisadores nesta área?

*Sem dúvida, a função do nosso grupo, pelo menos o desejado, do nosso ponto de vista, é que as ações que a gente tá desenvolvendo estimulem os jovens no interesse pelo conhecimento e pela pesquisa nessa área. E por causa disso realizamos sim diferentes iniciativas desde o ano de 2018, ou seja desde o início da existência do nosso grupo de pesquisa, como por exemplo a criação de dois cursos gratuitos na plataforma Coursera, que é uma plataforma internacional de cursos MOOC (Cursos Abertos Online Massivos, ndr.), dois cursos de duas semanas a respeito, que podem ser acessados gratuitamente (**Curso 1** e **Curso 2**) e além disso também, como já disse repetidas vezes, a criação, a organização desses encontros on-line e também presenciais. Estamos pretendendo, para o ano que vem, realizar um Simpósio presencial dedicado justamente ao tema das Reduções na ocorrência dos 400 anos da fundação da Redução de São Nicolau, a Redução que foi erguida nas margens do Rio Uruguai, no lado hoje brasileiro. Também dizer que estamos planejando alguns livros, que na verdade já foram analisados e que um está sendo, podemos dizer, está em fase de editoração, pela Editora Ideias e Letras e o outro está em fase de avaliação. Todas essas iniciativas têm justamente a o objetivo de formação nessa área.*

Poderias falar um pouco sobre os livros?

Então, um primeiro livro que ainda por enquanto está em fase de avaliação editorial - então não vou poder me alongar muito porque ainda está sendo avaliado -, é o livro que diz respeito, tem o objetivo de fornecer um conhecimento amplo para a população, para os interessados, para as pessoas de modo geral, sobre a temática dos Trinta Povos, no sentido de oferecer uma panorama histórico, dos principais fatos históricos que levaram a criação dessa experiência e também depois descrever mais em pormenores os Sete Povos, ou seja, a parte que interessa o território brasileiro. Esse livro é um trabalho que também envolve a colaboração de vários dos pesquisadores que participaram dos dois cursos Coursera e que, portanto, são especialistas nessa área, nas diferentes especialidades: historiografia, história da arte, história econômica, história religiosa, etc. Mas sobre esse livro, como disse, não vou poder me alongar muito, porque ainda, não, não temos uma clara perspectiva em termos dos tempos necessários para sua edição. De qualquer forma, nós realizamos essa proposta, tendo em vista a necessidade de fornecer à população, e inclusive aos professores das escolas de primeiro, segundo e terceiro grau, é um conhecimento mais amplo, mais geral sobre a temática. Então, não se trata do livro para pesquisadores, voltado aos pesquisadores, mas que traz os resultados das pesquisas para população brasileira. De novo, levando em conta, como em muitos casos, nos livros didáticos, há quase um absoluto desconhecimento dessa temática histórica ou uma maneira muito reduzida de trazê-la para o conhecimento do dos estudantes. As motivações desse problema são várias, não é o caso de nos alongarmos aqui. Mas sem dúvida é muito importante, como já dissemos anteriormente, que essa temática seja conhecida no Brasil. Sobre o segundo livro, aqui já posso me alongar um pouco, porque o livro foi aceito e já está sendo editorado e vai sair no mês de outubro, no máximo de novembro desse ano. Nesse caso, esse livro é de minha autoria e ele se insere um pouco no trabalho que eu realizo, tenho realizado ao longo da vida, que é a história dos saberes psicológicos. A edição desse livro vai ser feita pela Editora Ideias e Letras. O título: CIDADÃOS DE 'ORDENADA REPÚBLICA'. Lições da Experiência Guarani-Jesuíta na Reduções. Espero que, então, nessa data de

outubro ou novembro, o livro possa, digamos, vir à luz e ser conhecido pelos leitores brasileiros. A ideia é ver como nos documentos históricos que nos veiculam essa experiência que foram nas Reduções Jesuíticas, ou as Missões Jesuíticas nos territórios guaraníticos, houve a elaboração também de vários tipos de saberes entre os quais os saberes psicológicos, antropológicos, já que essa é a minha área de pesquisa. E aí aproveito para fazer uma ponte com as perguntas últimas sobre a minha própria história.



Igreja na região dos 30 Povos visitada por grupo de pesquisadores

És nascida na Itália. Poderias falar de seu percurso, de sua história até aqui?

A partir desse último livro, vou falar um pouquinho da minha própria história de pesquisa. Esse livro “CIDADÃOS DE 'ORDENADA REPÚBLICA'. Lições da Experiência Guarani-Jesuíta na Reduções”, tem a ver um pouco, como disse, com a minha área “história dos saberes psicológicos na cultura”. De fato, eu me formei em Psicologia em Padova (Pádua) ainda na Itália, em 1979, e vim para o Brasil em 1981. No início de 1982, eu entrei com um projeto de Mestrado que foi financiado inicialmente pelo CNPQ, e depois pela FAPESP, sobre justamente aquilo que a gente chamava de “história das ideias psicológicas na cultura brasileira”. E depois continuei no Doutorado, sempre na USP, de novo com financiamento FAPESP, com uma pesquisa sobre a história da difusão da psicologia, sobretudo do ensino da psicologia nas instituições do Brasil do século XIX. Inclusive, para quem quiser conhecer um pouco mais dessa área, o meu último livro, que foi agraciado pelo Prêmio Jabuti Acadêmico no ano de 2024, chama “História dos saberes psicológicos na cultura brasileira”, foi editado pela EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo) é uma síntese dos meus 40 anos de pesquisa nessa área.

O que está por trás dessa área?

Qualquer hipótese de estudo de pesquisa que está por trás desse nome, desse título, “História dos saberes psicológicos na cultura brasileira”, que antes do advento da psicologia científica ou paralelamente a ela, há no âmbito das diferentes culturas o desenvolvimento de saberes e práticas psicológicas ligadas justamente às especificidades das diferentes culturas e sociedades. São contribuições importantes, esses saberes, essas práticas, também há o cuidado da pessoa. Com o advento da psicologia científica no século XIX, no momento epistemologicamente marcado pelo positivismo, essa parte do conhecimento, esses saberes, essas práticas, foram um tanto colocadas de lado e até rechaçadas por uma, diríamos hoje, dizemos, aliás, hoje, uma ideologia científica que acreditava que a verdade, a única verdade, a única objetividade do conhecimento fosse apenas reservada à ciência experimental. Uma visão hoje bastante superada, inclusive nas próprias ciências e inclusive na psicologia, mas que no século XIX fez com que houvesse uma divisão, uma separação, uma ruptura entre esses saberes e práticas desenvolvidas ao longo do tempo para cuidar da vida da pessoa e a ciência psicológica, a ciência da psiquê, seja como psicologia, seja como psiquiatria. No caso da história dos saberes psicológicos na cultura brasileira, isso acontece também justamente no Brasil. A cultura brasileira é uma cultura multifacetada porque também composta por contribuições advindas das várias etnias e grupos culturais, sociais, raciais que compõem a sociedade brasileira e eu desenvolvi essa pesquisa a partir do período colonial, porque é a partir do período colonial que consegui encontrar fontes escritas para realizar a pesquisa. E devo dizer que essa ideia, da possibilidade de se criar uma história dos saberes psicológicos ou das ideias psicológicas, como inicialmente se chamou, foi graças ao encontro que eu tive na minha juventude mesmo, nos inícios da

minha vida de pesquisadora, ainda na época da universidade em Pádua com o professor Jozef Brozek. Essa figura tão importante, foi um dos criadores da área da história da psicologia, seja do ponto de vista da pesquisa, seja do ponto de vista da didática nos Estados Unidos. O professor Brozek, que na verdade era tchecoslovaco, mas depois emigrou nos Estados Unidos durante o período das guerras e desenvolveu toda a pesquisa dele nos Estados Unidos. E por causa do encontro com ele, eu aprendi justamente essa visão da psicologia numa longa duração. A possibilidade, portanto, de resgatar também conhecimentos advindos, no caso da cultura ocidental, da própria filosofia, da medicina da teologia, da literatura e ligados, focados justamente na compreensão da dimensão psíquica pessoal da vida humana. E então essa é um pouco a ideia, e a partir de então das pesquisas de mestrado, de doutorado e depois das pesquisas realizadas ao longo da vida acadêmica e através também da criação de grupos de pesquisa com jovens pesquisadores, meus alunos bolsistas de iniciação científica, de mestrado e doutorado, podemos de fato desenvolver uma ampla gama de pesquisas nessa área. E ao estudarmos, então, a história dos saberes psicológicos na cultura brasileira, ao levantarmos as fontes nessa temática, aqui ocorreu a descoberta da contribuição da Companhia de Jesus. Companhia de Jesus, presente no Brasil desde 1549, a convite do rei de Portugal, Dom João III, e que desenvolveu no Brasil uma rede muito significativa de escolas para formação das crianças indígenas, mas também desenvolveu um trabalho muito grande de transmissão de toda a tradição da cultura ocidental, em particular grega, latina, medieval, humanista e evidentemente numa perspectiva cristã. Tudo isso ligado ao objetivo da evangelização e da formação. Então, nesse sentido, eu comecei também a desenvolver várias pesquisas no âmbito da história dos saberes psicológicos realizados no âmbito da Companhia de Jesus. Há muitas contribuições, muita coisa pode ser encontrada no livro que já indiquei, e há também o livro em inglês, contendo também a síntese dessas pesquisas, que foi publicado pela Editora Springer. Então já vou indicar os nomes desses livros para quem quiser conhecer um pouco melhor, é, também essa área: **1. História dos saberes psicológicos na cultura brasileira. Edusp, 2023** (este recebeu primeiro o Prêmio Jabuti Acadêmico e também o Prêmio ABEU, ambos em 2024) e **Psychological Knowledge and Practices in Brazilian Colonial Culture. Springer, 2020.**

***Prof. Marina Massimi** tem graduação em Psicologia pela Università degli Studi di Padova (1979), mestrado em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (1985) e doutorado em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (1989). É Professora titular aposentada da Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Senior do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e lidera Grupo de Pesquisa "Tempo, Memória e Pertencimento" junto ao IEA. Tem experiência de pesquisa na área de Psicologia, com ênfase em História da Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: história da psicologia científica e história dos saberes psicológicos na cultura brasileira, saberes psicológicos dos jesuítas. Foi Presidente e Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de História da Psicologia de 2013 a 2017. Membro da Academia Ambrosiana (Milão). Coeditora da Revista Memorandum: Memória e História em Psicologia.

Fonte: Vatican News

Cáritas lança vídeos sobre justiça socioambiental rumo à COP30

Série de animações e curtas mostram as realidades locais e os desafios climáticos enfrentados pelas comunidades latino-americanas

Às vésperas da COP30, que será realizada em novembro, em Belém do Pará, a Cáritas Brasileira inicia os lançamentos de um conjunto de produções audiovisuais que destacam as vozes, os saberes e as lutas dos povos e comunidades tradicionais dos biomas brasileiros, em especial a Amazônia.

“As produções buscam sensibilizar e mobilizar a sociedade em torno da justiça socioambiental, da defesa dos territórios e da urgência de ações concretas frente às emergências climáticas. Os lançamentos reforçam o compromisso da Cáritas com a incidência por políticas públicas que coloquem a vida e a dignidade humana no centro das decisões sobre o futuro do planeta”, explica Valquíria Lima, diretora executiva da Cáritas Brasileira.

Os conteúdos serão divulgados ao longo dos meses de outubro e novembro no [YouTube](#) e nas redes digitais da Cáritas Brasileira, iniciando pelo curta *Por um Clima de Justiça Socioambiental*, que já está disponível.

Com a realização da COP30 na Amazônia brasileira, cresce também a responsabilidade de garantir que esse processo deixe um legado concreto para a região, especialmente para os povos e comunidades tradicionais.

O curta *Por um Clima de Justiça Socioambiental* nasce desse contexto. Resultado de um trabalho de pesquisa, escuta e ação coletiva, realizado pela Cáritas Brasileira com apoio da Cáritas França e da Agence Française de Développement (AFD), o filme revela como as mudanças climáticas têm transformado o cotidiano de comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia.

Mais do que um estudo, é um chamado à reflexão e à mobilização, pois enfrentar a emergência climática é também enfrentar a desigualdade e garantir que as vozes dos povos da Amazônia estejam no centro da construção de soluções justas e duradouras.

Com linguagem acessível e foco educativo, a série é composta por cinco vídeos animados em 2D, de cerca de dois minutos e meio cada, que abordam temas urgentes ligados à justiça socioambiental nas diferentes regiões do Brasil, com ênfase na participação da Cáritas na COP30.



Momento de gravação dos vídeos

A série traz histórias e reflexões de diferentes regiões do país. Será inaugurada por um vídeo que traz o contexto das emergências climáticas, o papel das comunidades nas soluções e as posições da Cáritas Brasileira rumo à COP30. Em seguida, segue pelo Sul, abordando as chuvas intensas, os desastres e as estratégias comunitárias de enfrentamento. Do Norte, evidencia os desafios dos protocolos de consulta diante dos grandes empreendimentos. Do Sudeste, discute os impactos socioambientais da mineração. E do Nordeste, traz à tona o debate sobre transição energética justa e racismo ambiental. As animações foram produzidas com apoio da Cáritas Alemanha.

As produções reforçam a importância de colocar em pauta a relação entre clima, desigualdade e direitos humanos, convidando à ação coletiva por um futuro mais justo e sustentável.

O projeto *Amazônia Bem Viver: Comunidades Resilientes*, realizado desde 2024 pela Cáritas Brasileira em parceria com a Cáritas Colômbia, Cáritas Peru, Cáritas Alemanha e o Centro de Ação Social (CEAS), no Peru, tem se consolidado como um espaço de formação, mobilização e defesa de direitos na Amazônia.



“As produções buscam sensibilizar e mobilizar a sociedade em torno da justiça socioambiental, da defesa dos territórios e da urgência de ações concretas frente às emergências climáticas”..

Com financiamento do Ministério Federal Alemão de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (BMZ), a iniciativa fortalece comunidades amazônicas na proteção de seus territórios, no enfrentamento das mudanças climáticas e na preservação da biodiversidade.

Como parte das ações de visibilidade e incidência, será lançado durante a COP30, em Belém, um vídeo institucional sobre o projeto, com depoimentos e imagens das comunidades participantes.

Essas produções expressam o compromisso da Cáritas Brasileira com a defesa dos direitos humanos, a proteção dos territórios e a construção de caminhos de justiça climática, reforçando a necessidade de que as decisões globais sobre o clima partam da escuta e do protagonismo dos povos da Amazônia.

Fonte: Vatican News

Província Franciscana São Francisco de Assis encerra Capítulo Provincial



Motivados pelo tema “Província São Francisco de Assis em Redimensionamento” e o lema “Como Irmãos Menores, com todas as criaturas, peregrinos de esperança”, os freis, ao longo desta semana, rediscutiram e avaliaram diversos âmbitos do carisma franciscano.

Durante a semana de 13 a 17 de outubro, os freis da Província São Francisco de Assis no Brasil (RS) realizaram seu Capítulo Provincial, e elegeram o novo governo provincial. A assembleia capitular ocorreu no Convento Franciscano São Boaventura (Imigrante/RS), e foi presidida por Frei Wanderley Carvalho do Couto, OFM, da Província do Santíssimo Nome de Jesus (GO), que foi designado Visitador Geral para a Província pelo Definitório Geral da Ordem dos Frades Menores.

Para o sexênio, 2026-2031, foi escolhido Frei Olávio José Dotto, OFM, como Ministro provincial e Frei Marino Pedro Rhoden, OFM, como Vigário provincial. Para o triênio, 2026-2028, foram escolhidos como definidores os freis Pedro Geremias Bruxel, OFM, Cláudio André Lottermann, OFM, Franklin Francisco Silva de Freitas, OFM, e Patrício Ceretta, OFM.



O novo governo provincial.

Motivados pelo tema “*Província São Francisco de Assis em Redimensionamento*” e o lema “*Como Irmãos Menores, com todas as criaturas, peregrinos de esperança*”, os freis, ao longo desta semana, rediscutiram e avaliaram diversos âmbitos do carisma franciscano: formação, vocações, ecologia, cuidado dos mais pobres, sustentabilidade, as presenças nas paróquias e frentes de missão, obras sociais, entre outros. Contou-se com momento de encontro e diálogo com representantes leigos das presenças, nas quais os freis atuam no RS, e da OFS, que compartilharam impressões sobre a vida dos freis e ideias para aprimorar o trabalho em conjunto na evangelização das comunidades.

O redimensionamento vem sendo um tema de toda a Ordem, como a junção de algumas Entidades, em vários países do mundo. Na América do Sul, em 2022, houve a junção da Conferência dos Frades Menores do Brasil com a Conferência dos Ministros do Cone Sul (Argentina, Paraguai e Chile), formando a nova Conferências dos Ministros Provinciais e Custodiais do Brasil e Cone Sul.

Durante o Capítulo também se celebrou a alegria do jubileu da consagração religiosa e presbiteral de alguns irmãos, renovando o compromisso e o olhar no horizonte de Deus.

Fonte: Vatican News

Bispos da Bolívia após eleições: trabalhemos unidos pelo bem do país

Após os resultados do segundo turno eleitoral na Bolívia, que terminou com a eleição de Rodrigo Paz como novo presidente do país, a Secretaria-Geral da Conferência Episcopal Boliviana (CEB) divulgou um comunicado no qual faz um apelo “a todos os atores políticos e sociais para aceitarem com serenidade os resultados do processo eleitoral, respeitando a decisão soberana do povo boliviano”.

Vatican News

“Exortamos todo o povo boliviano a se comprometer com a construção de um amanhã diferente, mantendo viva a esperança e o compromisso na construção de dias melhores para a Bolívia.” Este é o apelo feito pelos bispos bolivianos em comunicado emitido pela Secretaria-Geral da CEB, após os resultados do segundo turno eleitoral, realizado em 19 de outubro, que resultou na eleição de Rodrigo Paz como novo presidente do país.

A esperança de que cheguem dias melhores para a Bolívia

No comunicado, os prelados destacam a boa participação cidadã ocorrida em uma “jornada democrática pacífica, exercendo o direito ao voto e mostrando o compromisso que os une como país”.

“Essa participação expressa a esperança de todos: que cheguem dias melhores para a Bolívia.”

Não decepcionem a confiança do povo

Nesse sentido, a Conferência Episcopal Boliviana faz um apelo a todos os atores políticos e sociais para aceitarem com serenidade os resultados do processo eleitoral, respeitando a decisão soberana do povo boliviano, a fim de trabalhar unidos pelo bem do país.

“Aos que foram eleitos, lembramos que seu mandato deve ser exercido com ética, transparência e espírito de serviço, colocando sempre o bem comum acima de interesses pessoais ou partidários. Não decepcionem a confiança que o povo depositou em vocês.”

Desafios que afetam a população boliviana

Além disso, os bispos recordam os desafios urgentes que afetam a população boliviana e confiam que o novo governo eleito saberá enfrentá-los, priorizando o bem-estar de todos os bolivianos.

“Entre eles, a atenção às famílias que vivem em situação de pobreza; a melhoria do acesso à saúde e aos medicamentos; a educação; a atenção preferencial aos setores mais vulneráveis; bem como o abastecimento de combustíveis e a retomada da economia.”

Trabalhar unidos pelo bem do país

Por fim, os bispos concluem invocando “a proteção de Deus, Senhor da vida e da história, e a intercessão de nossa Mãe, a Virgem Maria”.

“Pedimos ao nosso Criador que derrame suas bênçãos sobre nossa pátria e sobre as autoridades eleitas, e que inspire todos os bolivianos a trabalhar unidos pela justiça, pela reconciliação e pelo progresso da nação.” Fonte: Vatican News

Padre Mattia Ferrari: “Sem os movimentos populares, a democracia se atrofia”

O 5º Encontro Mundial dos Movimentos Populares (EMMP) se realiza em Roma a partir desta terça-feira, 21/10, e vai até o dia 24/10. Já a peregrinação ocorre entre os dias 25 e 26/10. O capelão da ONG Mediterrânea e coordenador do EMMP explica como nasceu esse “espaço fraterno”. “Pedimos à sociedade de hoje”, ressalta, “de assumir o desafio da complexidade e a cultura do encontro”.

Francesco De Remigis - Cidade do Vaticano



O Encontro Mundial dos Movimentos Populares, coordenado pelo padre Mattia Ferrari, é um espaço fraterno, presente nos cinco continentes. À mídia do Vaticano, o sacerdote conta que essa experiência nasceu dos quatro encontros romanos dos Movimentos Populares. Hoje é uma rede que une seis países e se põe a serviço das relações dos movimentos com a Igreja e com os diversos atores sociais. Um processo iniciado em várias localidades, entre elas, Buenos Aires. Depois, se expandiu para outras partes do mundo onde os movimentos populares caminham com as igrejas locais e com os movimentos sociais. Eles são formados pelos excluídos que se organizam para lutar por moradia, por trabalho, pela terra, por comida e para construir novas relações sociais, transformando a solidariedade em uma forma de fazer história.

Dos agricultores aos migrantes

“Estamos celebrando o quinto encontro e o primeiro do pontificado do Papa Leão XIV. Depois, haverá a peregrinação jubilar dos movimentos populares”, explica Pe. Ferrari. “É uma graça de Deus celebrar este encontro”, acrescentou. Perguntado sobre como as atividades dessa onda de participação popular têm se desenvolvido, ele disse: “Os movimentos populares são formados pelos excluídos do sistema, pelos descartados, recicladores, camponeses, migrantes e todos aqueles que, de várias maneiras, são oprimidos pelo sistema socioeconômico. Em vez de se conformarem, eles se organizam para mudar a situação, para construir a solidariedade por meio das relações sociais, para lutar contra as injustiças, para praticar e construir uma nova sociedade e uma nova economia. Essa grande galáxia de realidades ao redor do mundo pode ser abarcada na expressão ‘Movimentos populares’”.

Os pobres se organizam e caminham com a Igreja

“Esse percurso nasceu, paralelamente, em muitas partes do mundo, em muitas cidades, muitas campanhas, onde os Movimentos Populares - que não são necessariamente católicos, mas reúnem católicos, aqueles que professam outras religiões ou nenhuma religião - começaram a caminhar com a Igreja, a experimentar a sua presença materna que os acompanha”, continua Padre Ferrari.

Ele recorda que isso aconteceu também em Buenos Aires, “quando o cardeal Jorge Mário Bergoglio era arcebispo e, então, nasceu esse acompanhamento pastoral, com o qual a Igreja começou a

levá-los pela mão, pelos motivos que explicou o Papa Leão na *Dilexi te*: porque a Igreja vive esse amor aos pobres e, conseqüentemente, aos movimentos populares, onde os pobres se organizam e constroem solidariedade”.

Um “caminho sinodal” começou em 2014

Padre Mattia Ferrari explica que, quando o arcebispo Bergoglio se tornou Papa Francisco, “tendo vivido esse acompanhamento em primeira pessoa e visto que, em muitas partes do mundo, existia essa experiência pastoral, junto aos Movimentos ele pensou que havia chegado o momento de construir um processo que, reunindo as experiências locais, estivesse a serviço dessas relações a nível local e universal”.

O percurso foi iniciado em 2014, a serviço das relações dos movimentos populares entre si e com a Igreja, para juntos conseguir organizar a esperança. Isso porque, para ela ser concreta, é necessário que seja organizada. Sobretudo, afirma Padre Ferrari, “é um caminho sinodal. Francisco disse isso já no primeiro encontro”.

A continuidade entre Francisco e Leão

Daquele primeiro encontro de 2014, relata padre Mattia, o que veio depois “foi uma graça de Deus, que foi possível graças ao trabalho de muitos, graças à Igreja, graças a todos aqueles que participaram. É um grande processo. Estamos gratos e surpresos por esta grande participação. Não é inexplicável, mas é uma surpresa”.

Ele afirma que, entre outras coisas, durante audiência com o Papa Leão, nestes dias, os movimentos serão acompanhados pelas Igrejas locais do Panamá, Filipinas, Senegal e Estados Unidos. O grande desafio que os Movimentos Populares lançam em todo o mundo, enfatiza o coordenador do EMMP, é aquele de “assumir o desafio da complexidade e da cultura do encontro nesta sociedade. Vemos, ao contrário, que as pessoas preferem frequentemente fugir do encontro e partir para o confronto”.

Para Pe. Ferrari, em vez disso, os Movimentos Populares, com sua humildade, dizem: “Se quisermos verdadeiramente assumir os desafios que a história coloca diante de nós, devemos assumir o desafio do encontro, da humildade, e da perseverança, como disse Papa Leão no seu primeiro discurso: ‘caminhar juntos, mesmo com quem pensa diferente de nós”.

De Francisco à *Dilexi te*

Segundo o sacerdote, “é fundamental recordarmos que, sem os Movimentos Populares, a democracia se atrofia, como disse Francisco e reitera Leão em sua **Exortação Apostólica**”. Corre o risco de se tornar uma democracia formal. Em vez disso, ela é verdadeira quando é substancial, quando os povos participam ativamente. O nosso caminho tem também esse objetivo: a coisa mais importante da vida são as relações. Devemos fazer de modo que todos os atores sociais tenham relações vivas.”

Fonte: Vatican News

Bispo libanês: o Papa levará esperança a cristãos, judeus e muçulmanos

Dom Mounir Khairallah fala à Rádio Vaticano sobre a expectativa dos libaneses pela primeira Viagem apostólica de Leão XIV, programada para 30 de novembro a 2 de dezembro. “Um sol que surge depois de 50 anos de escuridão”, enfatiza, acrescentando: “É um estímulo para o país ser uma mensagem de paz, reconciliação e democracia para todo o Oriente Médio”. O acordo entre Israel e Hamas “é positivo, mas é fundamental a solução dos dois Estados”.

Cecilia Seppia – Cidade do Vaticano



Como o foi com João Paulo II, em 1997, e Bento XVI, em 2012, o País dos Cedros aguarda agora o Papa Leão XIV que, para a sua primeira Viagem Apostólica, escolheu a Turquia com a peregrinação em İznik, por ocasião do 1700º aniversário do Concílio de Niceia. Em seguida, ele irá ao Líbano, o pequeno-grande “País mensageiro”: mosaico de povos capazes de, juntos, viver pacificamente, mas também palco de conflitos e guerras civis, tanto que foi considerado como ‘pólvora do Oriente Médio’. Embora tenha sofrido uma violenta perda populacional devido à emigração, o país ainda desempenha um papel crucial, histórico, cultural e social em toda a região e na Bacia do Mediterrâneo.

Assim que foi divulgada, a notícia foi recebida com alegria e entusiasmo, como um sinal concreto da proximidade do Pontífice com toda a nação neste momento-chave da sua história. “Para os libaneses, essa visita tem um enorme significado”, afirmou à Rádio Vaticano Vaticano dom Mounir Khairallah, bispo de Batroun da Ordem dos Maronitas.

Sinais de uma nova era

“Interpretamos e acolhemos com muita esperança a escolha do Papa Leão de fazer aqui sua primeira visita. Desde 1975 até 2025 estivemos em guerra. O Líbano foi destruído. Algumas cidades foram arrasadas. Reconstruímos o país muitas vezes e nunca perdemos a esperança. Nunca desistimos. Já no início deste ano, o Senhor começou a nos mandar sinais concretos para tornar realidade essa esperança. O primeiro sinal foi a eleição do presidente. Depois o primeiro-ministro e o governo inteiro, composto de gente honesta, pessoas íntegras que chegaram com a vontade de reconstruir o Estado e a República do Líbano, colocando-se a serviço do povo, sem corrupção”.

Era o “sonho” do Papa Francisco peregrinar nesta terra. Ele não conseguiu fazer isso. Assim, o gesto de Leão XIV se coloca, certamente, na continuidade do seu predecessor e sob a bandeira daquela paz plena e duradoura, palavra central com que Leão se apresentou ao mundo assim que foi eleito para o Trono de Pedro.

“O meu último encontro com o Papa Francisco ocorreu em outubro de 2024, durante a conclusão do Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade”, prossegue o pastor de Batroun. “Eu perguntei a ele: ‘Santo Padre, quando irá ao Líbano?’. E ele me respondeu: ‘Elejam um presidente e eu irei. É um sonho para mim ir ao Líbano e ser um mensageiro de paz para vocês’. Esse sonho se realiza hoje com o Papa Leão XIV e, para nós, é de fato o sinal de uma nova era”.

Duas etapas de valor espiritual e geopolítico

Embora a Sala de Imprensa ainda não tenha divulgado os detalhes e as etapas da viagem — algo que, segundo o diretor Matteo Bruni, acontecerá dentro de algumas semanas —, dom Mounir Khairallah também fala sobre a Turquia, recordando que a terra de Antioquia foi a primeira sede de São Pedro e de São Paulo, o primeiro lugar onde os seguidores de Cristo foram chamados cristãos.

E recorda ainda a ligação entre o Patriarcado de Antioquia e as Igrejas do Oriente Médio. Sobre a viagem à Turquia, Papa Leão já havia conversado com o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I, durante o encontro no dia 19 de maio deste ano, dia seguinte à Missa do início do Pontificado. Na ocasião, o Papa confirmou o desejo de se encontrar em Niceia para o aniversário do histórico Concílio que formulou o Credo, a profissão de fé em que os cristãos de todas as denominações se reconhecem. Uma comemoração da qual Leão XIV imediatamente desejou participar, chamando-a não de “um evento do passado”, mas de “uma bússola que deve continuar a nos guiar em direção à plena unidade visível de todos os cristãos”.

A viagem à Turquia, portanto, será certamente uma importante oportunidade para o diálogo entre as Igrejas Católica e Ortodoxa, à qual a visita ao Líbano agregará significativo valor geopolítico, já que é um país devastado por conflitos pela crise econômica, política e humanitária.

O país mensageiro da paz, liberdade, convivência, democracia

“O Líbano, um país que é uma mensagem para o povo, nunca perdeu de vista esta missão e seu papel, mesmo no contexto político do Oriente Médio”, diz o prelado, que também é membro do comitê executivo da Assembleia dos Bispos Patriarcais do Líbano.

É um país, antes de tudo, de mensagem de paz, democracia, convívio e coexistência entre as diversas religiões, confissões, partidos políticos, culturais e identidades. Aqui convivem 18 diferentes comunidades que precisam ser fortalecidas em sua fé.

Portanto, para nós, de fato esta viagem do Santo Padre é como um sol que surge depois de 50 anos de guerra, de escuridão. Um impulso de confiança para todos os libaneses, cristãos, muçulmanos, mas também judeus. Por isso, estamos vivendo com grande alegrias e satisfação também este momento de espera que nos separa do abraço com Pedro. Estamos nos preparando com o coração aberto. A alegria é tangível, sobretudo nos jovens que esperam o encontro com o Papa, também com o vislumbre de luz para o seu futuro, que gostariam de construir aqui no Líbano e não fora. Isso acontece diariamente, porque, devido à falta de oportunidade, eles são forçados frequentemente a estudar e trabalhar no exterior”.

Uma história de continuidade e amizade

Muitos Papas olharam para o Líbano com carinho, com particular cuidado, muitas vezes até com apreensão: pensamos no Papa Paulo VI, cujo pontificado terminou com a eclosão da guerra civil no Líbano, e depois em João Paulo II com sua **Mensagem a todos os libaneses de 1º de maio de 1984**, escrita após um encontro com os Patriarcas das Igrejas do país.

Durante os últimos anos da guerra civil libanesa, Wojtyla mobilizou redes formais e informais para tentar salvar vidas e encontrar soluções para o conflito. No plano da diplomacia papal, o futuro cardeal Tauran esteve envolvido na negociação dos Acordos de Taif, que permitiram o restabelecimento de um certo equilíbrio, ainda que precário, a partir de 1990.

Mas foi somente em 1997, após uma espera de 19 anos, que João Paulo II finalmente conseguiu viajar a Beirute, para uma Viagem Apostólica que entrou para a história, especialmente por sua expressão "país da mensagem", que ainda hoje é usada com frequência pelos libaneses que desejam destacar a missão particular do Líbano no concerto das nações e no plano de Deus.

Quinze anos depois, seu sucessor, Bento XVI, seguiu seus passos, viajando para a Terra dos Cedros em setembro de 2012 para a última Viagem Apostólica de seu pontificado. Embora o conflito na vizinha Síria e a situação turbulenta em muitos países do Oriente Médio tenham levantado preocupações sobre uma viagem de alta tensão, o Papa foi recebido em uma atmosfera calorosa e consensual, repleta de entusiasmo, inclusive por movimentos muçulmanos que o saudaram agitando bandeiras do Vaticano, para espanto dos jornalistas ocidentais.

Reconstruir juntos

"Como disse o nosso presidente Aoun, os laços entre os Papas e o Líbano são históricos, sólidos, vividos na amizade e no respeito. Todos os Papas carregaram o Líbano em seus corações e em sua missão. Portanto", continua o bispo de Batroun, "Leão XIV chega até nós trazendo consigo toda a história e a política do Vaticano e do Líbano. Ele vem fortalecer um vínculo já forte entre a Santa Sé e a Terra dos Cedros, mas também entre a Igreja Católica e as Igrejas Orientais.

Não nos esqueçamos de que seu antecessor, Leão XIII, em 1894, foi o primeiro Papa a publicar uma carta às Igrejas Católicas Orientais, na qual expressava abertura ao Oriente e o desejo de valorizar sua tradição. O fruto desse esforço sinérgico, segundo dom Khairallah, é também a coexistência pacífica entre as diversas almas que habitam o Líbano: "É por isso que o Líbano é um país portador de mensagens: cristãos e muçulmanos, mas também judeus, podemos e queremos reconstruir o nosso Líbano, um país portador de mensagens, e estamos certos de que todos chegaremos lá juntos, porque, apesar de tudo, podemos caminhar juntos."

O acordo entre Hamas e Israel é positivo para todo o Oriente Médio

Observando o cenário internacional, com o acordo de paz alcançado entre Israel e o Hamas, dom Mounir Khairallah expressou satisfação com o acordo, apesar da trégua em Gaza parecer

extremamente frágil e dos significativos esforços de reconstrução ainda pendentes. Em seguida, enfatizou a contribuição e o apoio dos países árabes para o fim das hostilidades.

Este é um acordo positivo, não apenas para palestinos e israelenses, mas para todos os nossos países. Hoje, podemos dizer com certeza que um sol está nascendo para o Oriente Médio com este primeiro passo. No entanto, a questão do reconhecimento do Estado da Palestina permanece em aberto. A resolução da ONU de 1949 nunca foi implementada, portanto, para nós, a solução e a paz virão por meio do reconhecimento oficial e internacional do Estado da Palestina, juntamente com o Estado de Israel.

Sobre a posição do Líbano, o bispo de Batroun confirmou que ainda há questões em aberto com Israel, e o próprio presidente Aoun expressou esperança nos últimos dias de que negociações diretas com o Estado judeu possam ser alcançadas, mas a esperança permanece a mesma: que o diálogo prevaleça sobre as armas.

Fonte: Vatican News

Mianmar: guerra civil e crise humanitária frustram esperança de eleições

No país do sudeste asiático, lembrado pelo Papa durante o Angelus, a guerra civil continua matando. O chefe da junta militar admite que não conseguirá realizar as próximas eleições, previstas para dezembro, em todas as regiões. Enquanto isso, milícias de oposição tentam compartilhar informações de inteligência. O analista Giuseppe Gabusi afirma: “É preciso pressão internacional para que o Mianmar saia do caos. A verdadeira vítima é a população civil”.

Cecilia Seppia – Vatican News



A violência que consome Mianmar não dá sinais de trégua. O caos político atual torna muito difícil interromper a guerra entre o exército nacional e as milícias étnicas que se opõem à ditadura militar, em um país já devastado por uma crise humanitária permanente. A situação dramática se agravou com enchentes recentes e os efeitos do terremoto devastador ocorrido em 28 de março. O sismo de magnitude 7,7 deixou ao menos 3.700 mortos e 4.800 feridos, elevando o número de deslocados internos para mais de 3,5 milhões, segundo o ACNUR.

No domingo (19/10), durante o Angelus, o Papa Leão XIV fez um apelo pela paz no país. “As notícias que chegam de Mianmar são, infelizmente, dolorosas. Falam de combates constantes e bombardeios aéreos, inclusive contra civis e infraestrutura civil. Estou próximo de todos os que sofrem com a violência, a insegurança e tantas tragédias. Reitero meu apelo urgente por um cessar-fogo imediato e efetivo. Que os instrumentos da guerra deem lugar aos da paz, por meio de um diálogo inclusivo e construtivo!”, disse o Papa.

Eleições gerais de dezembro em risco

Em meio à insegurança permanente e à crise política, torna-se quase impossível contabilizar o número de vítimas das diversas tragédias no país, devido ao bloqueio da internet e à censura à imprensa. Nos últimos dias, o chefe da junta militar que comanda Mianmar admitiu que não conseguirá realizar as eleições gerais em todo o país, previstas para dezembro, por causa da guerra civil. “Não podemos realizar eleições em 100% do território”, declarou o general Min Aung Hlaing, comandante das Forças Armadas desde o golpe de 2021, frustrando a esperança da população de eleger um novo governo democrático.

“É uma situação extremamente grave e, sem a participação da comunidade internacional, será impossível encontrar uma solução real”, disse aos meios de comunicação do Vaticano Giuseppe Gabusi, diretor do programa Indo-Pacífico do World Affairs Institute de Turim. “A comissão eleitoral já havia declarado, em meados de setembro, que cerca de 15% dos distritos estavam sob controle de forças fora do comando central. Agora, por meio de um comunicado à nação, o próprio general reconheceu que a situação é provavelmente ainda pior: as forças armadas controlam apenas 20% do território; dos 80% restantes, metade está em disputa entre o exército e os rebeldes, e a outra metade está nas mãos de grupos diversos — chefes locais, senhores da guerra, traficantes de drogas ou milícias étnicas. Assim, o governo autoritário e até um tanto distópico de Mianmar é obrigado a encarar a realidade.”

Compartilhamento de inteligência fortalece a oposição

Atualmente, as forças governamentais controlam principalmente as cidades localizadas no centro do país, ao longo do rio Irrawaddy. No entanto, desde a independência, as regiões fronteiriças e montanhosas de Mianmar nunca estiveram sob controle do governo central e permanecem dominadas por diversas milícias étnicas — como no Estado de Kayin, no Estado de Kachin ao leste e no Estado de Rakhine ao oeste.

Nestes dias, o Governo de Unidade Nacional (NUG), que representa a administração no exílio, está tentando integrar os serviços de inteligência de todas as milícias ativas para fortalecer a oposição. “Esse processo é possível se houver vontade política de alcançar resultados”, explica Gabusi. “Sempre houve dificuldades de coordenação entre o NUG e a ampla gama de atores políticos e militares que controlam outras partes do país. Não podemos esquecer que esse governo está no exílio. Ele pode ser popular e contar com o apoio da população, mas precisa se apoiar nas forças que atuam dentro do território para dar credibilidade à oposição. Coordenar tantos atores — alguns sinceramente democráticos, outros autoritários; alguns pacíficos, outros fortemente militarizados; alguns jovens idealistas, como nas Forças de Defesa do Povo, formadas por jovens que abandonaram as cidades para receber treinamento com as milícias étnicas — não é nada fácil. O compartilhamento de inteligência é um primeiro passo importante, mas será necessário um plano de longo prazo para construir um Estado federal que una as diferentes identidades de Mianmar.”

É necessário um esforço internacional coordenado

Para impulsionar o processo de democratização, organismos internacionais e potências regionais podem ter um papel positivo, continua o analista. “A ASEAN, por exemplo — a Associação das Nações do Sudeste Asiático —, gostaria de chegar a um acordo entre as partes e estabelecer um cessar-fogo. No entanto, o bloco está dividido internamente. Alguns países membros, como Malásia, Indonésia e Cingapura, estão mais alinhados com as posições do Ocidente e exigem o fim das hostilidades antes de realizar eleições legítimas. Outros, como a Tailândia, ao lado de grandes potências como China, Índia e Rússia, acreditam que as eleições podem acontecer mesmo sem um cessar-fogo, o que cria uma divisão profunda. A atual presidência da ASEAN, exercida pela Malásia, adota uma postura mais pragmática. Houve recentemente uma visita oficial a Mianmar com o objetivo de obter da junta militar a promessa de que as eleições possam ser um primeiro passo rumo a um futuro compartilhado. Temo, porém, que isso seja uma ilusão: sem uma iniciativa internacional séria que enfrente de forma direta todos os problemas do país, até mesmo essas eleições não terão utilidade. Afinal, a verdadeira vítima de tudo isso é a população civil.” - Fonte: Vatican News

Gaza, pressão dos EUA para consolidar a trégua. Reabertos dois pontos de passagem

A tensão está alta na Faixa de Gaza, onde o cessar-fogo é instável. Na segunda-feira houve novas baixas após a ação militar israelense, mas o governo recuou no fechamento das passagens de ajuda humanitária, enquanto o Hamas avança lentamente com o retorno dos reféns mortos. Delegados do presidente estadunidense Trump estão visitando Israel para pedir a manutenção da paz. O chefe da Casa Branca ameaça o Hamas: “Se violar o acordo, será aniquilado”



Crianças palestinas deslocadas em Gaza

Vatican News

A trégua está por um fio em meio à turbulência diária na Faixa de Gaza, com as ofensivas israelenses continuando a causar baixas e o Hamas acusando Israel de violar o cessar-fogo 80 vezes e matar 100 pessoas desde a assinatura do acordo. O exército israelense, por sua vez, se defende alegando que os ataques foram lançados contra indivíduos e grupos militantes que ultrapassaram as linhas de retirada das tropas. Na segunda-feira, 21 de outubro, pelo menos quatro palestinos foram mortos.

Acordo em jogo

Nesse clima, os Estados Unidos temem uma ruptura do acordo pelo primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, que estes dias se reúne com o enviado estadunidense Steve Witkoff e o conselheiro Jared Kushner, com a intenção de sanar as fissuras no acordo. A partir desta terça-feira em Israel também o vice-presidente dos EUA, J.D. Vance.

Os passos incertos em direção à paz

Sinais parciais de alívio das tensões incluem a reabertura, pelo governo israelense, das duas passagens de Kerem Shalom e Kissufim, na segunda-feira, para o trânsito de suprimentos destinados a civis, e a devolução, pelo Hamas, na noite entre segunda e terça-feira, do décimo terceiro corpo de um dos reféns, embora 15 ainda estejam desaparecidos. O governo israelense considera esse atraso intencional e, portanto, uma traição aos acordos. A facção islâmica, por sua vez, manifestou sua determinação em respeitar os acordos e disposição para encontrar e entregar os corpos dos reféns mantidos na Faixa de Gaza, mas que isso exigirá mais tempo e equipamentos pesados. O presidente dos EUA, Donald Trump, alerta veementemente o grupo islâmico: "Se violar o cessar-fogo, será aniquilado". Ele também descartou a possibilidade de enviar tropas estadunidenses para Gaza, mas afirmou que teria o "poder de ordenar ao primeiro-ministro israelense que rompa o cessar-fogo e que as Forças de Defesa de Israel eliminem os membros do grupo terrorista".

Mesa diplomática no Egito

Em meio a essa situação, em andamento uma reunião de mediação no Cairo, com uma delegação do Hamas se reunindo com mediadores do Catar e do Egito sobre a continuação da trégua. As reuniões também abordam um próximo diálogo interpalestino, que — disse à AFP uma fonte próxima dos colóquios — visa "unificar as facções". Também à mesa a questão da "formação de um comitê de especialistas independentes responsáveis pela gestão de Gaza" no pós-guerra.

Fonte: Vatican News

Uma advogada de véu: religiosa católica defende a justiça em tribunal no Quênia

Quando as pessoas pensam uma religiosa católica, imaginam numa mulher de hábito, que talvez ensine, reze em silêncio numa capela ou cuide de pessoas doentes. Poucos imaginam uma religiosa num tribunal, vestida com traje profissional, em pé diante de um juiz, que se apresenta não apenas como "Advogada Immaculate Muthoni", mas como "Irmã Immaculate".

Christine Masivo



A irmã Immaculate Muthoni, membro das Pequenas Irmãs de São Francisco (LOSSF), não é apenas uma religiosa, mas uma advogada no Supremo Tribunal do Quênia, além de uma funcionária jurídica na Universidade Católica da África Oriental, formadora acreditada pela *National Training Authority* e revisora jurídica reconhecida pela *Law Society* do país. Além dos títulos, é defensora da dignidade e testemunha da esperança, demonstrando que o Evangelho da justiça não se limita ao altar, mas fala também nas salas do tribunal.

“Ela apresenta uma imagem calma, resiliente e radiante, unindo dois mundos que, na opinião de muitos, não podem coexistir: a vida religiosa e a prática jurídica.”

Uma vocação dentro de outra vocação

Uma história que não começou com o Direito, mas com um sonho juvenil de Ciências Políticas. Depois, a formação religiosa e as normas reorientaram o percurso.

As Ciências Políticas, disseram-lhe, estavam muito envolvidas em batalhas partidárias. A lei, no entanto, oferecia uma maneira de procurar a justiça sem comprometer a vocação religiosa, uma vida que ela desejava servir desde a infância. Em entrevista a *Vatican News*, recordou rindo: «eu pensava que a lei era o mal menor e, até hoje, não me arrependo de ser advogada».

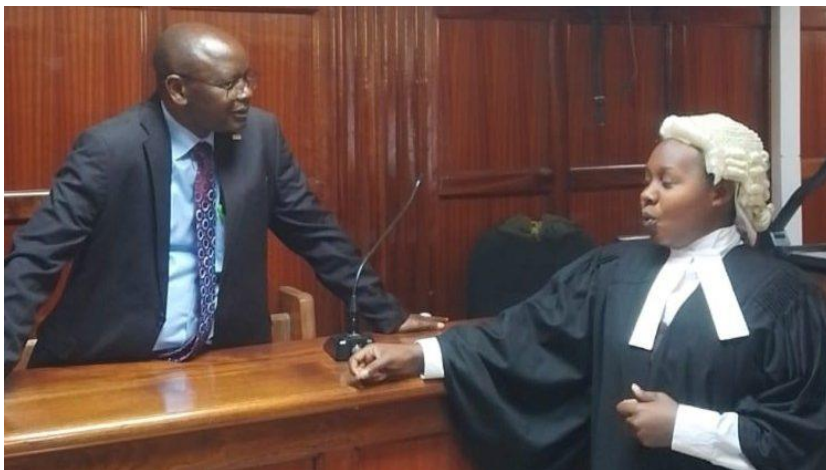
Para a Ir. Immaculate, a lei e a vida religiosa não são vocações separadas; são duas faces da mesma missão. «A vida religiosa fundamenta-me na oração, na resiliência e na compaixão», afirmou. «A lei me oferece a plataforma para agir sobre esses valores. Juntos, complementam-se para realizar uma verdadeira transformação».

O rosto humano da justiça

Cada caso que ela administra tem mais do que um peso legal, uma alma humana, uma pessoa às vezes dilacerada, frequentemente não ouvida e acima de tudo sempre digna de respeito. «Não se trata de ganhar ou perder um caso», disse com convicção: «trata-se de viajar com as pessoas, até com aquelas que perdem, e garantir que a justiça não seja apenas feita, mas também sentida».

A fé molda a sua prática. Ela leva compaixão onde os outros só veem o procedimento; o diálogo onde os outros só veem o conflito; e a esperança onde os outros só veem a derrota. Recorda-se quando, num evento, foi apresentada como “Irmã Immaculate, advogada”.

«Uma mulher, esmagada pela injustiça e com medo do sistema legal, abriu-se comigo porque eu era uma religiosa», disse. «Viajei com ela através do processo legal, *pro bono*, até quando encontrou justiça e cura. Isso afirmou quão poderosa pode ser a ligação entre a lei e a fé para restabelecer a esperança de alguém».



A Ir. Immaculate ao interrogar um colega advogado
Superar os estereótipos

O seu duplo papel não foi desprovido de ceticismo. Alguns colegas no tribunal rotularam-na como “demasiado suave” para batalhas legais. Alguns, nos círculos religiosos, perguntaram-se por que motivo uma religiosa se “inseriu no trabalho secular”; mas ela aprendeu a deixar que os seus resultados e a sua coerência falassem por si.

“As pessoas começam a ver que ser religiosa e advogada traz profundidade e credibilidade. Desafia os estereótipos sobre a contribuição que uma mulher de fé pode oferecer nos espaços profissionais.”

«Quando me apresento no tribunal como "Irmã Immaculate, que aparece no lugar do cliente”, muitas vezes o título desarma os adversários, suaviza a tensão e até abre espaço para o diálogo e para acordos extrajudiciais», confessou. E ela ri quando recorda: «o principal desafio que enfrento cada vez que entro no sistema judiciário é quando o magistrado me pergunta se tenho a certeza de ser advogada, quando me pergunta o número do certificado de prática e diz que não estão habituados a ver religiosas advogadas».

Um novo rosto da evangelização

A Irmã Immaculate faz parte de uma revolução silenciosa na Igreja africana. Encarna aquilo que o Papa Francisco e muitos fundadores religiosos há muito exortaram, a ler os “sinais dos tempos” e a abraçar novas formas de servir a Deus e à humanidade. O Papa Leão XIV encorajou os religiosos e as religiosas a permanecer enraizados no seu carisma, atentos aos sinais dos tempos, como outrora fizeram os seus fundadores. «Os fundadores e fundadoras de vocês eram pessoas capazes de observar, avaliar, amar e depois partir, até correndo o risco de grandes sofrimentos, mesmo à custa de perder os seus bens, para servir os irmãos nas suas necessidades reais, reconhecendo na pobreza dos outros a voz de Deus», disse.

«A evangelização não ocorre apenas através da pregação», insistiu a Irmã Immaculate. «Exige também a vivência dos valores evangélicos da justiça, compaixão e integridade através de outros meios. Quer no direito, quer nos meios de comunicação ou em qualquer outro campo, as religiosas podem e devem fazer resplandecer a fé nas suas profissões».

O seu sonho é ver mais religiosas dedicando-se ao Direito e aos espaços profissionais, antes considerados “seculares”, e ver a vida religiosa africana superar antigos confins e moldar sistemas de justiça com o espírito evangélico. «Espero progredir nos meus estudos de jurisprudência para influenciar a política e responsabilizar as comunidades numa escala mais vasta», afirmou.

Um testemunho para os nossos tempos

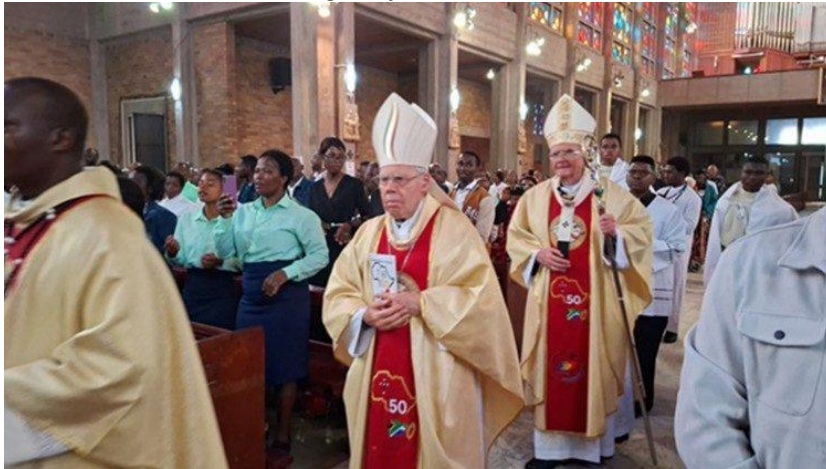
A vida da Ir. Immaculate nos lembra que a Igreja está viva, é criativa e profética quando as religiosas entram corajosamente nos espaços da justiça. Encarna a harmonia da fé e da razão quando levam consigo terços e livros de Direito, atravessando a sala do tribunal e a capela tanto de hábito religioso como vestida de advogada. A sua missão, como cita o profeta Miqueias, consiste em «praticar a justiça, amar a misericórdia e caminhar humildemente com Deus».

Fonte: Vatican News

“Vocações também devem vir da África do Sul”: Missionários de África em 50 anos de serviço

No dia Mundial das Missões, os Missionários de África (M. Afr.), conhecidos popularmente como Padres Brancos, celebraram 50 anos de presença missionária na África do Sul com uma Missa Solene de Ação de Graças na Catedral de Cristo Rei, igreja-mãe da Arquidiocese de Joanesburgo.

Sheila Pires – Joanesburgo, África do Sul



A Eucaristia foi presidida por Sua Eminência, o Cardeal Stephen Brislin, Arcebispo de Joanesburgo, e concelebrada por Pe. Christian Mulenga M. Afr., Superior Provincial dos Missionários de África, com a participação do clero diocesano, religiosas e seminaristas. Entre os presentes encontravam-se Dom Jan de Groef M.Afr, Bispo de Bethlehem, e Pe. Hugh O’Connor, Secretário-Geral da Conferência dos Bispos Católicos da África Austral (SACBC).

A celebração, animada pela comunidade católica malawiana de Joanesburgo, recordou o início da missão em 1972, quando os primeiros missionários chegaram ao país para acompanhar os mineiros vindos do Malawi. Cantos em inglês e chichewa ecoaram na Catedral, refletindo as raízes multiculturais da congregação.

Um legado de serviço e testemunho

Refletindo sobre o significado do jubileu, Pe. Mulenga M. Afr., responsável pela província dos Missionários de África na África Austral, afirmou que este dia é “tanto uma celebração quanto uma renovação do nosso chamado missionário.” Explicou que os primeiros padres chegaram “para acompanhar os malawianos que trabalhavam nas minas” e que, cinquenta anos depois, é “profundamente encorajador ver a comunidade reunir-se com o Cardeal, os bispos e os fiéis para dar graças.”



Padre. Christian Mulenga M. Afr., Superior Provincial dos Missionários de África

O provincial destacou que a missão da Congregação vai muito além da evangelização, abrangendo também o desenvolvimento humano, a justiça social e o diálogo inter-religioso. Sublinhou ainda a coincidência significativa entre este jubileu e o Domingo das Missões, o Ano Jubilar da Esperança e a fase de implementação da sinodalidade, acrescentando que o carisma da Congregação “continua a tocar vidas através de iniciativas pastorais que promovem a segurança alimentar, a educação, o acesso à água potável e o combate ao tráfico humano.”

O sacerdote recordou também que a celebração deste ano tem um valor especial, pois os Missionários de África estão igualmente a celebrar “os 200 anos do nascimento do nosso fundador, o Cardeal Charles Lavigerie.” Acrescentou que estar sob a proteção de Maria, especialmente no mês do Rosário, renova neles “o sentido de gratidão e de missão.”

Vocações e o futuro

O provincial, natural da Zâmbia, expressou esperança e preocupação quanto às vocações locais. Embora tenha reconhecido com alegria o aumento de vocações em Zâmbia, Malawi e Moçambique, lamentou que “até agora nenhuma tenha surgido na África do Sul.” Disse que essa ausência “é um desafio tanto para nós como para a Igreja local,” e manifestou o desejo de que “um dia possamos ter um Missionário de África sul-africano.”

Ação de graças e renovação

Entre os que acompanharam de perto o crescimento da Congregação está Dom Jan de Groef M. Afr., Bispo de Bethlehem, que serviu em várias comunidades logo após a chegada dos missionários nos anos 1970. Para ele, este jubileu “é um momento de ação de graças por tudo o que pudemos realizar, pois é pela graça de Deus que trabalhamos em tantos lugares e contribuímos com a Igreja local através da nossa presença.”

Em conversa com Vatican News, o bispo destacou ainda a identidade missionária de todos os batizados, recordando que “pelo batismo, todos somos chamados e enviados.” A seu ver, a Igreja “não deve olhar apenas para si mesma, mas ser aberta e acolhedora”, lembrando que “a nossa família é maior do que a Igreja local.”

Em suas palavras finais, o Cardeal Brislin expressou profunda gratidão em nome da Igreja local e da Conferência Episcopal. Disse que a sua mensagem era “um sincero agradecimento e parabéns aos Missionários de África”, reconhecendo a sua dedicação à justiça, à unidade, ao diálogo e à inclusão. O cardeal elogiou-os por serem “construtores de pontes” que se aproximam dos mais vulneráveis e esquecidos, afirmando que este é o tipo de testemunho “que a Igreja na África do Sul é chamada a encarnar”.

Vozes de esperança missionária

Entre os muitos religiosos/sas presentes na celebração, estava a Irmã Catarina, das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África, que expressou a sua alegria e solidariedade com os Missionários de África. Disse estar “feliz por celebrar com eles estes 50 anos de presença missionária na África do Sul,” sublinhando que “todos estamos em festa e damos parabéns por esta história de fé.”



Religiosas durante a Missa na Catedral de Cristo Rei, em Joanesburgo

Questionada sobre a sua mensagem aos missionários do Dia Mundial das Missões, a Irmã Catarina encorajou-os “a serem missionários corajosos, mesmo nos momentos de dificuldade, recordando sempre que Deus está com eles.” Acrescentou que “a esperança deve ser sempre a primeira coisa — sobretudo a esperança em Deus.”

Comentando também as palavras do Cardeal Brislin no fim da Missa — que exortou os missionários a continuarem a promover um ambiente de acolhimento, especialmente para migrantes e refugiados — a religiosa afirmou que “a mensagem do Cardeal foi de grande encorajamento.” Reconheceu as dificuldades enfrentadas por migrantes em hospitais e escolas do Estado, e apelou “para que todos tenham acesso à saúde e à educação, pois a saúde é um bem de todos e ninguém deve ser impedido de ser atendido.”

A Irmã Catarina concluiu recordando que “até o próprio Jesus foi migrante quando fugiu para o Egito,” e que, de uma forma ou de outra, “todos nós seremos migrantes em algum momento da vida.”

O carisma de Lavigerie permanece vivo

Fundada em 1868 por Cardeal Charles Lavigerie, Arcebispo de Argel e de Cartago, a Sociedade dos Missionários de África é reconhecida pelo hábito branco — composto por uma gandoura e um burnous — símbolo de pureza e simplicidade, que lhes valeu o nome de *Padres Brancos*.

Hoje, os membros da Congregação na África do Sul representam 16 nacionalidades e servem em Durban, Kimberley, Joanesburgo e Bethlehem, atuando em paróquias, instituições de ensino e centros de formação, como o Instituto São José em Cedara e o Centro de Formação de Merrivale em KwaZulu-Natal.

Ao final da celebração jubilar, os missionários entoaram juntos um cântico de gratidão, enquanto o Cardeal Brislin os abençoava, pedindo a Deus que continuem a “manter viva a nota” do carisma fundador — um espírito de justiça, diálogo e unidade que há cinquenta anos ilumina a presença dos Missionários de África na África do Sul.

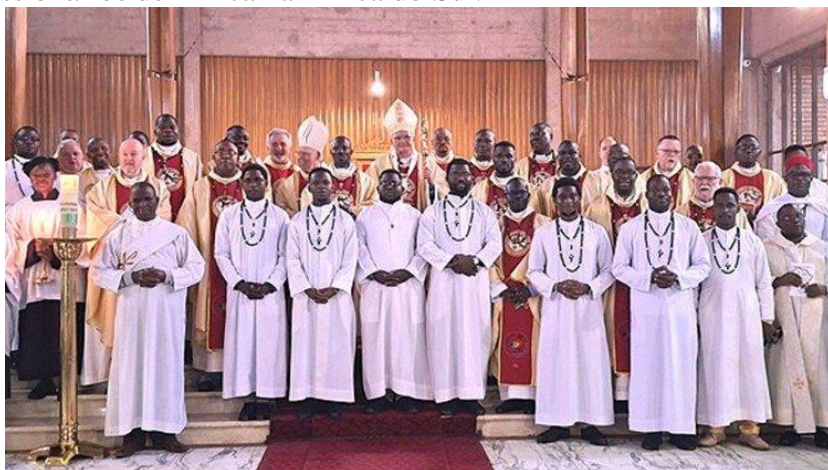


Foto de grupo dos participantes no Jubileu de Ouro dos Missionários de África
Fonte: Vatican News

Comunidade Sant’Egídio promove encontro inter-religioso sobre a paz na Beira

Sob o lema “Ousar a Paz”, a Comunidade Sant’Egídio promoveu no sábado (18), na cidade da Beira (Centro de Moçambique), um encontro sobre a paz, evento que reuniu representantes de diversas confissões religiosas, com destaque para cristãos, muçulmanos e hindus, incluindo autoridades governamentais.

Rogério Maduca – Beira, Moçambique



Segundo explicou Nelson Moda, representante da Comunidade Sant’Egídio, pretende-se com o encontro oferecer uma mensagem de paz no espírito de Assis, cidade que acolheu a histórica reunião dos líderes religiosos convocada por São João Paulo II há 39 anos.

Oração pela paz, uma acção necessária, tal como defende Nelson Moda, numa altura em que a guerra parece ter se tornado algo normal, lamentando a também aparente ilusão que enferma alguns

tomadores de decisão, ao pensarem que o fim da guerra passa por uma solução armada, esquecendo-se do seu perigo, propondo por isso, o diálogo como verdadeira solução.

Na ocasião o Sheik Muhamed Rafik, da Associação Muçulmana de Sofala, explicou que a sua adesão ao encontro inter-religioso é uma forma para reafirmar que eles são pela paz e nenhuma religião promove guerra, lançando a responsabilidade aos políticos.



Paz é fundamental para o desenvolvimento, e a sua construção depende de todos ...

Por seu turno, o representante da Comunidade Hindu, Ajei kalesh, destacou o papel preponderante das religiões na pacificação, ensinar aos seus seguidores os princípios que sustentam a paz. Por isso, apelou ao fim da guerra no mundo, no caso particular do terrorismo em Cabo Delgado.

Em nome do Conselho Cristão de Moçambique, o Pastor Luís Magaia sublinhou que a paz é fundamental para o desenvolvimento pessoal ou colectivo, e a sua construção depende de todos.

Presente no evento, o Edil da Beira, Albano Carige, agradeceu aos líderes religiosos que aderiram ao encontro inter-religioso, pois o mundo precisa de orações, chamar à razão os homens que tentam tomar o lugar de Deus.

No final do evento, os participantes do encontro inter-religioso assinaram o compromisso pela paz.



Participantes no encontro inter-religioso assinam o compromisso pela paz
Fonte: Vatican News

Guiné-Bissau. Bispo de Bafatá apela à paz e diálogo nas eleições de novembro

O Bispo de Bafatá, Dom Victor Luís Quematcha, apelou ao diálogo e à paz nas eleições legislativas e presidenciais marcadas para novembro, destacando que o momento deve ser "uma verdadeira festa da democracia, e não um motivo de violência ou divisão".

Por Casimiro Jorge Cajucam – Rádio Sol Mansi

Segundo o bispo diocesano, "o entendimento entre os guineenses é a única via para garantir eleições pacíficas e justas". Ele alertou que "a luta pelo poder não pode gerar divisões" e lembrou que "quem deve julgar é o povo, por meio do voto", especialmente diante da crescente tensão política causada pelo impedimento de alguns candidatos, partidos e coligações de concorrer ao escrutínio.



Sobre a crise jurídico-política em torno do processo eleitoral, Dom Victor Quematcha **exortou todos os intervenientes, especialmente os cristãos, a agir com consciência e segundo a vontade de Deus**, colocando "o bem-estar da população acima de interesses pessoais ou partidários".

Questionado sobre o aparente silêncio da Igreja diante do cenário político atual, o bispo esclareceu que a instituição "não está alheia à situação", mas tem adotado "uma postura de prudência". Em suas homilias, a Igreja tem reforçado "a necessidade de diálogo, paz e rejeição de qualquer forma de violência".

Nos últimos tempos, líderes religiosos de diferentes confissões têm mantido "uma atitude de reserva pública" perante a crise política que o país atravessa.

Fonte: Vatican News

Cisma histórico: 80% do anglicanismo rompe com Canterbury

A eleição de Sarah Mullally como arcebispa de Canterbury desencadeou a ruptura final: o GAFCON declara uma nova comunhão anglicana mundial.



Poucas semanas após o anúncio da eleição de Sarah Mullally – prelada anglicana e ex-enfermeira britânica – como nova arcebispa de Canterbury, a Comunhão Anglicana se dividiu definitivamente. A Global Anglican Future Conference (GAFCON), que reúne cerca de 80% dos anglicanos praticantes no mundo, anunciou oficialmente seu rompimento com Canterbury e a reorganização da Comunhão Anglicana sob sua liderança.

O anúncio foi feito em uma carta assinada pelo Arcebispo Laurent Mbanda, Primaz de Ruanda e presidente do Conselho de Primazes do GAFCON. Nela, é declarada a criação da Comunhão Anglicana

Global, um novo corpo eclesial que se considera fiel à herança original do anglicanismo e à Declaração de Jerusalém de 2008.

“Hoje, esse futuro chegou. Nossos Primazes se reuniram para cumprir nosso mandato de reformar a Comunhão Anglicana. Nós não deixamos a Comunhão Anglicana; nós somos a Comunhão Anglicana”, afirma o Arcebispo Mbanda em sua carta.

O fator determinante: a eleição de Sarah Mullally

Em 3 de outubro de 2025, a Comissão de Nomeações da Coroa, com a aprovação do Rei Carlos III, nomeou Sarah Mullally como a 106ª Arcebispa de Canterbury, tornando-se a primeira mulher a ocupar o cargo. Sua eleição foi celebrada como um passo histórico em direção à inclusão e à igualdade dentro da Igreja Anglicana. Mullally, ex-enfermeira e atual bispa de Londres, foi reconhecida por sua sensibilidade pastoral e por sua defesa de uma igreja mais aberta às transformações culturais contemporâneas.

Na esfera católica, não faltaram expressões de cordialidade. O Cardeal Vincent Nichols, presidente da Conferência Episcopal da Inglaterra e do País de Gales, expressou “saudações amigáveis e esperançosas para o fortalecimento da unidade ecumênica”. No entanto, a nomeação intensificou antigas divisões no mundo anglicano.

A ordenação de mulheres, a reinterpretação do casamento e a política de gênero têm gerado um mal-estar crescente entre as províncias mais conservadoras, especialmente na África, Ásia e América Latina, que acusam Canterbury de abandonar a centralidade da Bíblia e ceder às correntes progressistas.

GAFCON declara ser a verdadeira Comunhão Anglicana

Em seu comunicado intitulado *The Future Has Arrived* (O Futuro Chegou), o GAFCON anuncia uma reorganização total da Comunhão Anglicana. A nova ordem eclesial terá um único princípio: a Bíblia como o fundamento da comunhão.

“A Comunhão Anglicana será reorganizada, com um único fundamento de comunhão, a saber, a Bíblia Sagrada, ‘traduzida, lida, pregada, ensinada e obedecida em seu sentido claro e canônico, respeitando a leitura histórica e consensual da Igreja’”, cita o documento, referindo-se à Declaração de Jerusalém de 2008.

Os líderes do GAFCON rejeitam os chamados Instrumentos da Comunhão – o Arcebispo de Canterbury, a Conferência de Lambeth, o Conselho Consultivo Anglicano (ACC) e a Reunião dos Primazes – acusando-os de não terem defendido a doutrina e a disciplina da Comunhão Anglicana.

Eles também pedem a todas as províncias anglicanas que eliminem de suas constituições qualquer referência a estar em comunhão com a Sé de Canterbury e que cortem os vínculos administrativos e financeiros com o ACC.

De agora em diante, as províncias fiéis à GAFCON formarão um Conselho de Primazes, que elegerá um presidente sob a figura do *primus inter pares* (primeiro entre iguais). Esse órgão presidirá as deliberações da nova Comunhão Anglicana Global, cujo primeiro grande encontro será a Conferência Episcopal do G26, programada para 3 a 6 de março de 2026 em Abuja, Nigéria.

A dimensão histórica do cisma

A cisão, embora formalizada agora, vinha se formando há mais de duas décadas. Desde o início dos anos 2000, as províncias anglicanas do sul global vinham expressando sua insatisfação com a direção doutrinária da Igreja da Inglaterra e das igrejas da América do Norte, especialmente após a aceitação da ordenação de bispas e do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

A primeira Conferência Global do Futuro Anglicano (GAFCON) em 2008, realizada em Jerusalém, iniciou o processo de reorganização do anglicanismo contemporâneo. Ali foi elaborada a Declaração de Jerusalém, um documento que, desde então, tem servido como um manifesto de fidelidade à tradição reformada e à autoridade bíblica.

“Não podemos mais ter comunhão com aqueles que defendem a agenda revisionista, que abandonou a inerrante Palavra de Deus como autoridade final”, assinala a declaração.

“Na ausência de arrependimento por parte de alguns dos líderes mais graduados da Comunhão Anglicana, temos nos movido em oração em direção a um futuro para os anglicanos fiéis, no qual a Bíblia seja restaurada no coração da Comunhão”, escreveu Mbanda, lembrando esse processo.

Agora, esse processo culmina em uma separação explícita que redesenha o mapa do anglicanismo mundial.

O papel do Rei Carlos III

Ainda não se sabe como o rei Carlos III, que, como monarca britânico, também é o governador supremo da Igreja da Inglaterra, reagirá. Embora seu papel seja principalmente cerimonial, a Constituição lhe confere certas funções formais:

Nomear oficialmente – sob proposta do Primeiro Ministro – bispos e arcebispos.

Jurar, em sua coroação, defender a fé anglicana e preservar a Igreja da Inglaterra.

Chefiar simbolicamente a Igreja como seu protetor temporal.

Entretanto, a autoridade espiritual e doutrinária cabe ao Arcebispo de Canterbury e ao Sínodo Geral da Igreja da Inglaterra.

O desafio para Carlos III seria mais simbólico do que político: ele teria que representar a continuidade institucional de uma Igreja que acaba de perder a comunhão com a grande maioria de seus fiéis em todo o mundo.

Dois visões irreconciliáveis

O cisma anglicano é tanto administrativo quanto teológico. De um lado, uma visão que busca adaptar a fé aos valores contemporâneos; do outro, uma visão que defende a interpretação literal e tradicional das Escrituras.

A nomeação de Mullally como arcebispa tornou-se emblemática dessa primeira corrente, enquanto a GAFCON representa a segunda. O que durante anos foi uma tensão silenciosa entre progressistas e conservadores finalmente se converteu em uma ruptura estrutural.

“Hoje, esse futuro chegou, nós somos a Comunhão Anglicana Global”, conclui a carta de Mbanda.

Com essa declaração, a história do anglicanismo entra em uma nova era: duas comunhões, duas visões e uma mesma origem agora irreversivelmente divididas.

Com informações Infocatólica

Fonte: Gaudium Press

Mosaico de Nossa Senhora de Coromoto é instalado nos Jardins do Vaticano

A cerimônia ocorreu um dia após a canonização dos dois primeiros Santos venezuelanos: São José Gregorio Hernández e Santa Madre Carmen Rendiles Martínez.



Na última segunda-feira, 20, os Jardins do Vaticano receberam um novo mosaico mariano. Instalado nas paredes do Bastião do Mestre, a obra representa Nossa Senhora de Coromoto, Padroeira da Venezuela. A cerimônia ocorreu um dia após a canonização dos dois primeiros Santos venezuelanos: São José Gregorio Hernández e Santa Madre Carmen Rendiles Martínez.

Autoridades civis e eclesiásticas presentes

Estiveram presentes, entre outros, os Arcebispos Emilio Nappa, Secretário-Geral do Governatorato, e Alberto Ortega Martín, Nuncio Apostólico na Venezuela; Monsenhor Benito Adán Méndez Bracamonte, Ordinário Militar; Monsenhor Javier Domingo Fernández González, Chefe do Protocolo da Santa Sé; Franklin Zárate, Presidente da Santa Sé; e Gabriela Jiménez, Vice-Presidente de Ciência e Tecnologia, Ecosocialismo e Saúde da Venezuela.

Um sinal da Fé de milhões de fiéis devotos

Em sua saudação, o Arcebispo Emilio Nappa, Secretário-Geral do Governatorato, recordou que a Virgem de Coromoto foi proclamada Padroeira da Venezuela pelo Papa Pio XII no dia 7 de outubro de 1944. Ele também destacou que esta imagem “não é apenas uma obra de arte, mas um sinal da Fé de milhões de fiéis que veneram Nossa Senhora como Mãe, que infunde esperança e coragem em meio às dificuldades como salvadora e consoladora”.

Contribuição da Conferência Episcopal Venezuelana

De autoria do artista venezuelano Luis Enrique Mogollón, o mosaico foi produzido graças à contribuição da Conferência Episcopal Venezuelana, em colaboração com a Embaixada da República Bolivariana da Venezuela junto à Santa Sé. Ao longo da cerimônia, a obra foi descerrada e abençoada. Além disso, foi recitada uma oração e realizados breves discursos. (EPC)

Fonte: Gaudium Press

-----.

600 alemães são crismados em celebração na Igreja de São Paulo Extramuros, em Roma

Este momento significativo fez parte das celebrações de encerramento da peregrinação que a Diocese alemã de Münster realizou até Roma por conta do Ano Santo de 2025.



Na última sexta-feira, 17 de outubro, por volta de 600 fiéis receberam o sacramento da Crisma na Igreja de São Paulo Extramuros, em Roma. Este momento significativo fez parte das celebrações de encerramento da peregrinação que a Diocese alemã de Münster realizou até Roma por conta do Ano Santo de 2025.

Assumir a responsabilidade de viver pelo Espírito de Deus

Dom Rolf Lohmann, Bispo Auxiliar de Münster, presidiu a cerimônia, que foi concelebrada por Dom Felix Genn, Bispo emérito, pelos Bispos auxiliares Dom Christoph Hegge, Dom Stefan Zekorn e Dom Rolf Lohmann, além do Administrador Diocesano Dom Antonius Hamers e o Cônego da Catedral André Sühling.

Em sua homilia, Dom Lohmann encorajou os crismandos e seus familiares para que não se acovardassem diante dos tempos atuais, que são desafiadores em diversos aspectos. Ao invés disso, o prelado recomendou aos 3.200 fiéis presentes na celebração para que assumam a responsabilidade de viver pelo Espírito de Deus.

Deus está ao nosso lado em todas as situações

“Para mim, agora é a hora da Igreja: onde há ódio, violência, e conflito, devemos pensar e agir inteiramente com a paixão da nossa Fé, com a paixão pelo Evangelho. Pois esta mensagem de Jesus de Nazaré tem o poder de mudar este mundo”, destacou o Bispo Auxiliar de Münster.

Voltando-se para os jovens, o prelado ressaltou a necessidade que a Igreja tem deles. “Precisamos de vocês! Precisamos das suas opiniões, das suas ideias e da sua inspiração sobre o que vocês querem ser como igreja no futuro. Com os muitos desafios que a vida apresenta, Deus está ao nosso lado em todas as situações. Ele nunca nos deixa sozinhos”. (EPC)

Fonte: Gaudium Press

-----.

Fatos fascinantes da vida de Karol Wojtyla, hoje são João Paulo II



A Igreja celebra hoje, 22 de outubro, o dia de são João Paulo II. Abaixo, 13 fatos importantes da vida de Karol Wojtyla publicados pelo Churchpop.com.

1. Aos 15 anos quase morreu por um disparo acidental

Um amigo lhe mostrou uma arma, a qual acreditava estar descarregada. Foi quando durante uma brincadeira este amigo apertou o gatilho e disparou bem perto de Karol. Felizmente (ou milagrosamente), a bala não o tocou.

2. Teve uma “namorada” judia durante sua juventude

Seu nome era Ginka Beer, era “uma bela judia, com lindos olhos e cabelos, magra, uma excelente atriz”. Embora não possamos descrever com precisão o vínculo entre Karol Wojtyla e Ginka, ela foi primeira e possivelmente a única com quem ele teve uma relação romântica.

3. Foi ator e dramaturgo

Era membro de um grupo de teatro e pretendia trabalhar como ator, antes de descobrir sua vocação ao sacerdócio.

4. Aos 21 anos de idade já tinha perdido todos seus familiares diretos

Sua mãe morreu quando ele tinha 8 anos devido a algumas complicações durante um parto, seus três irmãos morreram durante sua infância e seu pai morreu de um ataque cardíaco, quando ele tinha 21 anos.

5. Foi atropelado por um caminhão nazista durante a Segunda Guerra Mundial

Em fevereiro de 1944, enquanto voltava do trabalho para sua casa, foi atropelado por um caminhão alemão. Os oficiais alemães pararam e, ao ver que estava inconsciente e gravemente ferido, detiveram um automóvel para usá-lo como ambulância e levá-lo ao hospital. Ficou internado durante duas semanas. A terrível experiência e sua surpreendente recuperação confirmaram sua vocação ao sacerdócio.

6. Foi detido por soldados nazistas e fugiu escondendo-se atrás de uma porta

Em agosto de 1944, durante um levantamento polonês, soldados nazistas invadiram a sua cidade a fim de prender todos os homens jovens. Ao entrar em sua casa, escondeu-se atrás de uma porta. Os soldados revistaram sua casa, mas não o encontraram e foram embora. Em seguida, escondeu-se na casa do seu Arcebispo, onde permaneceu até o final da guerra.

7. Participou do Concílio Vaticano II como bispo e ajudou a escrever vários documentos

Colaborou na redação do texto final de Dignitatis humanae, o Decreto sobre a liberdade religiosa, e Gaudium et spes, a Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual.

8. Foi o primeiro papa não italiano desde o século XVI

João Paulo II era polonês e não tivemos um papa italiano a partir dele: Bento XVI é alemão e Francisco é argentino.

9. Como papa, falava 9 idiomas com facilidade

Sabia polonês, latim, grego antigo, italiano, francês, alemão, inglês, espanhol e português. Durante sua juventude, esteve familiarizado com 12 idiomas.

10. Visitou 129 países durante seu pontificado

Isto o tornou um dos líderes mundiais que mais viajou na história e fez com que ganhasse o apelido de “papa Peregrino”.

11. Beatificou e canonizou mais pessoas que o resto dos papas que o antecederam... juntos

Beatificou 1.340 pessoas e canonizou 483 pessoas. Esta cifra supera todos os beatos e santos canonizados por todos os Papas anteriores a ele em toda a história da Igreja.

12. Foi herói de um gibi de Marvel na década de 1980

Assim como ele, Santa Teresa de Calcutá e São Francisco de Assis também protagonizaram livros de histórias em quadrinho.

13. É o quarto papa com o título de “o Grande”

Embora o título não seja de maneira oficial e é apenas pelo uso popular, somente outros três papas na história mereceram tal honra: São Leão Magno (440 até 461), São Gregório Magno (590-604), e São Nicolau Magno (858-867).

São João Paulo II, rogai por nós!

Fonte: ACIDigital

Bispo de Macapá institui com primeira missa a pastoral dos shoppings



Primeira missa da pastoral dos shoppings, no Shopping Macapá foi celebrada pelo bispo de Macapá, dom Antônio de Assis Ribeiro. | Pascom/Diocese de Macapá

Por Monasa Narjara

A diocese de Macapá (AP) instituiu no domingo (19) a pastoral dos shoppings, no Shopping Macapá, com sua primeira missa celebrada pelo bispo de Macapá, dom Antônio de Assis Ribeiro. Essa nova pastoral, segundo a diocese, “nasce com o propósito de levar a presença da Igreja aos colaboradores, lojistas e visitantes dos shoppings, e oferecer momentos de espiritualidade, escuta e acolhimento”.

“A Igreja Católica sempre quis estar em todos os espaços, lá onde Jesus gostaria de estar presente”, disse dom Antônio em sua homilia. “A Igreja faz isso levando uma mensagem séria, a pregação da Palavra de Deus encarnada na vida do povo. Isto é Igreja em saída”.

“Hoje, neste mundo pós-moderno, temos muitos contextos onde devemos estar presentes”, disse o bispo. Sem eliminar “o compromisso com as comunidades locais”, o bispo disse que é preciso reconhecer “que há pessoas que passam o dia todo nesses locais por trabalho ou por vínculos afetivos”. “A Igreja deve estar atenta a esses novos nichos de evangelização”, disse dom Antônio.

A presidente da Renovação Carismática Católica (RCC) no Amapá, Aldaleia Brazão, responsável pela pastoral dos shoppings disse que o serviço começa “antes da missa” dominical do Shopping Macapá, que ocorre todos os domingos, às 11h, na sala B do cinema Movicom.

Segundo Brazão, o objetivo da pastoral “é manter a evangelização viva e a Igreja em movimento” e por isso, eles passam “pelo shopping fazendo panfletagem e animação para convidar as pessoas” para a celebração.

Fonte: ACIDigital

Bispos criticam facilitação do acesso à fertilização *in vitro* promovida por Trump



Fertilização *in vitro*. Imagem referencial. | Rohane Hamilton/Shutterstock

Por Tyler Arnold

Bispos nos EUA estão criticando o esforço do presidente Donald Trump para aumentar o acesso à fertilização **in vitro** (FIV) no país. O tratamento de fertilidade, que resulta na morte de mais embriões humanos do que gera bebês, é **contrário à doutrina da Igreja**.

Trump anunciou em 16 de outubro que o governo dos EUA firmou um acordo com uma empresa farmacêutica para reduzir o custo de alguns medicamentos de fertilização **in vitro** e que a Administração de Alimentos e Medicamentos dos EUA (FDA, na sigla em inglês) está trabalhando para agilizar a revisão de um novo medicamento. A FDA é um órgão federal dos EUA que tem função similar à da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) no Brasil.

A fertilização **in vitro** (FIV) é um tratamento de fertilidade no qual médicos fundem espermatozoides e óvulos em laboratório para criar embriões humanos a serem implantados no útero da mãe. Milhões de embriões excedentes não implantados **são destruídos** ou usados em pesquisas científicas. Alguns ficam congelados por tempo indeterminado.

“Rejeitamos veementemente a promoção de procedimentos como a fertilização **in vitro** que... congelam ou destroem seres humanos preciosos e os tratam como coisa”, disseram três bispos numa declaração conjunta divulgada pela Conferência dos Bispos Católicos dos EUA (USCCB).

“Toda vida humana, nascida e por nascer, é sagrada e amada por Deus”, disseram os bispos. “Sem diminuir a dignidade das pessoas nascidas por fertilização **in vitro**, devemos reconhecer que as crianças têm o direito de nascer de um ato natural e exclusivo de amor conjugal, e não de uma intervenção tecnológica empresarial. E ações governamentais prejudiciais para expandir o acesso à fertilização **in vitro** não devem também levar pessoas de fé a serem cúmplices de seus males”.

Os bispos disseram também: “Continuaremos a revisar essas novas políticas e esperamos nos envolver mais com a administração e o Congresso, sempre proclamando a santidade da vida e do casamento”.

A declaração foi assinada pelo bispo de Winona-Rochester, Minnesota, EUA, Robert Barron, presidente do Comitê de Leigos, Matrimônio, Vida Familiar e Juventude da USCCB; pelo bispo de Fort Wayne-South Bend, Indiana, Kevin Rhoades, presidente do Comitê de Liberdade Religiosa da USCCB; e pelo bispo de Toledo, Ohio, Daniel Thomas, presidente do Comitê de Atividades Pró-Vida da USCCB.

O bispo de Arlington, Virgínia, Michael Burbidge, também divulgou uma declaração criticando a iniciativa de expandir a fertilização **in vitro**, tratamentos que classificou como “antiéticos e injustos”.

“Deus é o autor e abençoa a vida de cada criança nascida de fertilização **in vitro**, assim como ele deseja o verdadeiro bem e prosperidade de todas as pessoas”, disse Burbidge, que já foi presidente do Comitê de Atividades Pró-Vida da USCCB.

“A dura realidade, no entanto, é que a fertilização **in vitro** subverte a dignidade dos pais, assim como a vida das crianças ainda não nascidas”, disse ele. “Toda criança nascida por meio de fertilização **in vitro** um dia descobrirá que tem muitos irmãos e irmãs desaparecidos, que, embora iguais em dignidade e direitos, foram concebidos, mas tiveram seu direito à vida deliberadamente negado. Isso ocorre porque muitos dos embriões gerados por qualquer processo de fertilização **in vitro** serão descartados, por serem considerados indesejáveis, ou congelados, por serem considerados desnecessários. Por sua natureza, a fertilização **in vitro** tanto cria quanto destrói vidas humanas”.

Os tratamentos de fertilidade pró-vida incluídos em coberturas

Reguladores também estão trabalhando para expandir opções para que os empregadores ofereçam cobertura de fertilidade para fertilização **in vitro** e tratamentos "que abordem as causas básicas da infertilidade".

Embora a fertilização *in vitro* seja contrária à doutrina da Igreja, alguns dos últimos tratamentos podem incluir opções compatíveis com as doutrinas católicas, como tecnologia de procriação natural, educação sobre fertilidade e tratamento médico.

Assine aqui a nossa newsletter diária Na declaração conjunta da USCCB, os bispos escreveram que estão "gratos" pelo fato de o governo dos EUA ter incluído tratamentos de fertilidade não relacionados à fertilização *in vitro* que dão "medicina reprodutiva restauradora abrangente e holística, que pode ajudar eticamente a abordar a infertilidade e suas causas subjacentes".

Do mesmo modo, Burbidge chamou a inclusão de “uma oportunidade bem-vinda para todos os empregadores, e especialmente para a Igreja e seus apóstolos, de melhorar sua cobertura de saúde, oferecendo cobertura nova ou expandida para cuidados éticos de fertilidade”.

“Espero que, pela graça de Deus e com o tempo, todos os cristãos e pessoas de boa vontade, especialmente nossas autoridades civis, venham a encorajar e favorecer cuidados de fertilidade éticos e que afirmem a vida, que sejam propícios à verdadeira saúde e ao florescimento das famílias americanas”, escreveu Burbidge.

Fonte: ACIDigital

Senadores pedem ação contra crescentes ataques anticristãos na França

Por *Solène Tadié*

Numa iniciativa sem precedentes, 86 senadores franceses assinaram um apelo público denunciando o aumento de atos anticristãos na França e pedindo ao governo que tome medidas concretas para proteger fiéis e locais de culto.

A declaração, liderada pela senadora Sylviane Noël, de Haute-Savoie, no sudeste da França, e publicada no *site* conservador *Boulevard Voltaire*, pinta um quadro grave da crescente violência contra igrejas e cristãos em todo o país — e do que os signatários descrevem como uma indiferença das autoridades públicas.

“Não passa uma semana sem que a imprensa diária regional ou as redes sociais nos informem sobre esses ataques, que vão desde profanações e incêndios criminosos até agressões físicas”, diz o apelo.

Segundo dados citados no texto, 322 atos anticristãos foram registrados só nos primeiros cinco meses deste ano — um aumento de 13% em relação ao mesmo período no ano passado. O roubo de objetos litúrgicos também aumentou cerca de 20% em dois anos, com 820 casos relatados no ano passado, em comparação com 633 em 2022.

O apelo cita brevemente alguns incidentes emblemáticos para ilustrar essa tendência alarmante. Na região de Landes, pelo menos 27 igrejas foram vandalizadas ou profanadas em questão de semanas, e, em Nice, a profanação de uma cruz no Boulevard de la Madeleine chocou a população local.

O caso mais emblemático dos últimos meses foi o **assassinato de Ashur Sarnaya**, refugiado iraquiano cristão assírio-caldeu, de 45 anos de idade, com deficiência, numa transmissão ao vivo nas redes sociais em 10 de setembro. Sua história tornou-se um símbolo tanto da resistência cristã quanto da trágica vulnerabilidade dos fiéis na França de hoje.

“Ele fugiu do Iraque e da perseguição para encontrar refúgio em nosso país”, dizem os senadores, destacando o custo humano e a urgência moral desses atos de violência.

Eles também citaram o trágico assassinato em 2016 do padre Jacques Hamel, assassinado no altar por um muçulmano radicalizado enquanto celebrava a missa.

Os senadores denunciam a indiferença dos meios políticos e da mídia em relação aos cristãos. Eles dizem que incidentes envolvendo outras religiões frequentemente desencadeiam reações oficiais imediatas e ampla cobertura da mídia, enquanto ataques a lugares cristãos frequentemente passam despercebidos.

Para ilustrar esse desequilíbrio, eles comparam a indignação pública provocada pelas cabeças de porco deixadas do lado de fora de várias mesquitas de Paris no mês passado com o quase silêncio depois da queima de uma estátua de Nossa Senhora em Guingamp numa missa pela festa da Natividade de Nossa Senhora em 8 de setembro.

Embora a França tenha estabelecido plataformas de denúncia e sistemas de apoio para vítimas de atos antissemitas e antimuçulmanos, não há um mecanismo equivalente para incidentes anticristãos.

“Hoje, apelamos solenemente ao governo para que aja sem demora”, dizem os senadores no comunicado. “É urgente estabelecer um sistema nacional de denúncia e apoio às vítimas de atos anticristãos, acessível ao público em geral, claro e eficaz”.

“Essa disparidade alimenta entre muitos fiéis a impressão de que algumas vítimas de violência religiosa são tratadas como menos dignas de atenção”, continua o apelo. “Em meio a essa inegável onda de hostilidade, muitos cristãos na França se sentem cada vez mais abandonados”.

O apelo insiste que o lema da França — liberdade, igualdade e fraternidade — deve ser aplicado igualmente a todos os fiéis.

“A liberdade exige que todo cidadão possa praticar sua fé sem medo de ameaças ou profanações”, diz o texto. “A igualdade exige que o Estado, em seu mais alto nível, use os mesmos meios de proteção para todos. A fraternidade, por fim, nos obriga a considerar que, quando um fiel é ferido, é toda a comunidade nacional que é afetada”.

Sem tentar colocar as comunidades umas contra as outras, os senadores concluem que proteger os cristãos é parte de um esforço mais amplo para defender a unidade da França.

“Quando uma sinagoga é profanada, quando uma mesquita é atacada, quando uma igreja é vandalizada, é sempre a mesma liberdade essencial que está ameaçada”, escrevem. “Nenhum ódio jamais será tolerado, nenhuma violência contra um fiel jamais será relativizada”.

Esse debate mais amplo sobre o respeito devido aos cristãos na França também foi reacendido pela polêmica em torno do filme *Sacrè Cœur*, que conta a história da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, iniciada há 350 anos em Paray-le-Monial. Antes de seu lançamento, os cartazes promocionais do filme foram recusados por empresas ferroviárias francesas, alegando "laicismo" (laicismo estatal) e oposição ao "proselitismo".

A decisão provocou uma reação generalizada e ressaltou o que muitos observadores dizem ser uma hostilidade mais profunda em relação ao cristianismo — uma atitude que busca marginalizar a presença e a expressão cristã na esfera pública, mesmo que a fé continue a moldar a identidade moral e cultural da França.

Fonte: ACIDigital

Ansiedade no mundo atual: o papel da fé e da psicologia na cura da ansiedade



fizkes / Shutterstock
Talita Rodrigues -

Ela se manifesta de muitas formas: em pensamentos repetitivos, no coração acelerado, na falta de ar, na dificuldade de dormir ou simplesmente na sensação de que algo ruim está prestes a acontecer — mesmo sem motivo aparente.

Vivemos tempos acelerados, onde a mente parece correr mais rápido do que o corpo pode acompanhar. A rotina intensa, a cobrança constante por produtividade, o excesso de informações e as incertezas do futuro têm feito da ansiedade um dos maiores males da atualidade.

A ansiedade, em sua essência, é uma reação natural diante da vida. Todos nós, em algum momento, sentimos medo, preocupação ou apreensão. O problema é quando ela deixa de ser passageira e passa a dominar os dias, minando a paz interior e afastando-nos da presença no momento presente. Nesse ponto, é preciso olhar com amor, cuidado e consciência para o que está acontecendo dentro de nós.

A psicologia tem um papel essencial nesse processo. Ela nos convida a compreender as causas do nosso sofrimento, a identificar os pensamentos que alimentam a ansiedade e a construir novas formas de lidar com o medo. O trabalho terapêutico não busca eliminar a ansiedade — porque ela faz parte da condição humana —, mas sim transformar a relação que temos com ela. Quando compreendemos nossas emoções, aprendemos a acolhê-las em vez de lutar contra elas.

Por outro lado, a fé nos oferece algo que a razão, por si só, não alcança: o sentido. Quando a alma está cansada e o controle nos escapa, a fé nos recorda que não estamos sozinhos. Ela é a voz que sussurra em meio ao caos: “Confia.” É o abraço invisível que conforta quando tudo parece incerto. É o chão firme quando o mundo desaba dentro de nós.

A psicologia cura pela consciência; a fé, pela esperança. Juntas, elas constroem uma ponte entre a mente e o espírito. A terapia nos ensina a olhar para dentro, enquanto a fé nos convida a olhar para o alto. Uma nos ajuda a reorganizar o que está em desordem; a outra, a encontrar propósito mesmo nas dores.

Curar a ansiedade, portanto, não é apagar o medo — é aprender a caminhar com ele. É silenciar o ruído do mundo para escutar a própria alma. É compreender que a paz não está na ausência de problemas, mas na presença de confiança.

Se você sente que a ansiedade tem tomado espaço demais, procure ajuda. Falar sobre o que dói, aprender a respirar e reencontrar-se com o que te dá sentido são passos de coragem. E, acima de tudo, confie: existe vida leve depois da tempestade. A fé e a psicologia, unidas, são caminhos diferentes que levam ao mesmo destino — a serenidade do coração.

“Tudo pode ser tirado de um homem, exceto uma coisa: a última das liberdades humanas — escolher a própria atitude em qualquer circunstância, escolher o seu próprio caminho.”

— Viktor Frankl

Fonte: Aleteia

-----.